



ACADEMIA MILITAR

Direcção de Ensino

Mestrado em Ciências Militares – Especialidade de Infantaria

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

TÉCNICAS, TÁCTICAS E PROCEDIMENTOS EM RESPOSTA AOS ENGENHOS EXPLOSIVOS IMPROVISADOS

AUTOR: Aspirante Oficial Aluno Infantaria Hélder Emanuel Teixeira Guedes de Vasconcelos

ORIENTADOR: Tenente-Coronel de Artilharia Mário Rui Pinto da Silva

Lisboa, Julho de 2010



ACADEMIA MILITAR

Direcção de Ensino

Mestrado em Ciências Militares – Especialidade de Infantaria

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

TÉCNICAS, TÁCTICAS E PROCEDIMENTOS EM RESPOSTA AOS ENGENHOS EXPLOSIVOS IMPROVISADOS

AUTOR: Aspirante Aluno Infantaria Hélder Emanuel Teixeira Guedes de Vasconcelos

ORIENTADOR: Tenente-Coronel de Artilharia Mário Rui Pinto da Silva

Lisboa, Julho de 2010

DEDICATÓRIA

À minha namorada e à minha família.

ÍNDICE

ÍNDICE DE FIGURAS.....	iv
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS.....	v
RESUMO.....	vii
ABSTRACT.....	viii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 ENQUADRAMENTO TEÓRICO	4
1.1. Afeganistão - qual a realidade?	4
1.2. A ISAF.....	5
1.3. Os IED's	6
1.4. Fundamentos C-IED.....	9
1.5 Princípios C-IED.....	12
1.6. Os Indícios para detecção de IED's	14
1.7. TTP para reagir a um ataque IED.....	15
CAPÍTULO 2 OBJECTO DE ESTUDO E OPÇÕES METODOLÓGICAS.....	19
2.1. Objectivos do Estudo.....	19
2.2. Questões de Investigação	20
2.3. Metodologia.....	21
2.5. Tratamento, Análise e Apresentação dos Dados	23
CAPÍTULO 3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	25
3.1. Formação teórico-prática no aprontamento sobre os IED's	26
3.2. Formação contínua em C-IED da Companhia Portuguesa no Teatro de Operações do Afeganistão.....	27
3.3. TTP utilizadas pela Companhia Portuguesa no Teatro de Operações do Afeganistão em ambiente IED	29

3.4. Relação estabelecida entre a Companhia Portuguesa no Teatro de Operações do Afeganistão com a população e autoridades locais	30
3.5. Dificuldades para fazer face aos IED's no Teatro de Operações do Afeganistão	33
CONCLUSÕES	40
BIBLIOGRAFIA.....	45
APÊNDICES.....	A-1
APÊNDICE A: Guião da Entrevista	A-2
APÊNDICE B: Tabela síntese I	A-5
APÊNDICE C: Tabela síntese II	A-6
APÊNDICE D: Tabela síntese III	A-7
APÊNDICE E: Tabela síntese IV	A-8
APÊNDICE F: Tabela síntese V	A-9
ANEXOS	B-1
ANEXO A: Histórico das Forças Nacionais Destacadas no Teatro de Operações do Afeganistão	B-2
ANEXO B: Spot Report	B-3
ANEXO C: IED/UXO Report (EOD 9 Line)	B-4
ANEXO D: NATO 9 – Line MEDEVAC Request	B-5

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: O sistema IED.....	10
Tabela 1: Categorias da área temática Formação teórico-prática no aprontamento sobre IED.....	26
Tabela 2: Categorias e Subcategorias da Área Temática Formação Contínua em C-IED da Companhia Portuguesa no no Teatro de Operações do Afeganistão	27
Tabela 3: Categorias e Subcategorias da Área Temática TTP utilizadas pela Companhia Portuguesa no no Teatro de Operações do Afeganistão em ambiente IED.....	29
Tabela 4: Categorias e Subcategorias da Área Temática Relação estabelecida entre a Companhia Portuguesa no no Teatro de Operações do Afeganistão com a população e autoridades locais.....	30
Tabela 5: Categorias e Subcategorias da Área Temática Dificuldades para fazer face aos IED's no no Teatro de Operações do Afeganistão	33
Tabela síntese I.....	49
Tabela síntese II.....	50
Tabela síntese III.....	51
Tabela síntese IV.....	52
Tabela síntese V.....	53

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

A	AOO	<i>Area of Operations (Área de Operações)</i>
	ATA	<i>Afghan Transitional Authority</i>
B	BrigRR	Brigada de Reacção Rápida
C	CIA	<i>Central Intelligence Agency</i>
	C-IED	<i>Counter Improvised Explosive Device</i>
	CWIED	<i>Command Wire Improvised Explosive Device</i>
E	E1	Entrevistado 1
	E2	Entrevistado 2
	ECM	<i>Electronic Counter Measures</i>
	EJAB	<i>Electronic Jammer Against Bombs</i>
	EME	Estado-Maior do Exercito
	EOD	<i>Explosive Ordnance Disposal</i>
	EPE	Escola Prática de Engenharia
I	ICP	<i>Incident Control Point</i>
	IED	<i>Improvised Explosive Device</i>
	IEDD	<i>Improvised Explosive Device Detection</i>
	ISAF	<i>International security Assistance Force</i>
K	Km	Kilómetro
M	MEDEVAC	<i>Medical Evacuation</i>
	MNC-I	<i>Multi-National Corps – Iraq</i>

N	NATO	<i>North Atlantic Treaty Organization</i>
	NT	<i>Nossas Tropas</i>
O	OTL	<i>Organização, Tática e Logística</i>
P	PBIED	<i>Person Borne Improvised Explosive Device</i>
Q	QRF	<i>Quick Reaction Force</i>
R	RC-C	<i>Regional Command Capital</i>
	RC-E	<i>Regional Command East</i>
	RCIED	<i>Radio Controlled Improvised Explosive Device</i>
	RC-N	<i>Regional Command North</i>
	RC-S	<i>Regional Command South</i>
	RC-W	<i>Regional Command West</i>
T	TO	<i>Teatro de Operações</i>
	TPOI	<i>Tirocínio para Oficial de Infantaria</i>
	TTP	<i>Técnicas, Táticas e Procedimentos</i>
U	UAV	<i>Unmanned Aerial Vehicle</i>
	UN	<i>United Nations</i>
	UNAMA	<i>United Nations Assistance Mission in Afghanistan</i>
	UXO	<i>Unexploded Ordnance</i>
V	VBIED	<i>Vehicle Borne Improvised Explosive Device</i>
	VOIED	<i>Victim Operated Improvised Explosive Device</i>

RESUMO

Os Engenhos Explosivos Improvisados e as formas de os combater têm adquirido uma crescente importância, eles têm sido a maior causa de baixas no Afeganistão. Associado ao sucesso desses ataques emerge a incapacidade das forças da Organização do Tratado do Atlântico Norte e do governo do Afeganistão em os contrariar.

Assim, no âmbito do Trabalho de Investigação Aplicada da Academia Militar, foi proposto para estudo o tema Técnicas, Táticas e Procedimentos em resposta aos Engenhos Explosivos Improvisados.

Nesse contexto, o principal objectivo é conhecer qual a percepção dos comandantes de companhia da utilização das Técnicas, Táticas e Procedimentos no Teatro de Operações do Afeganistão.

O percurso metodológico compreendeu uma abordagem qualitativa, assente numa análise fenomenológica, e entrevistas a Oficiais do Exército com conhecimento e experiência na área.

Chegou-se à conclusão que as principais dificuldades dizem respeito à formação e meios.

Palavras Chave: ENGENHOS EXPLOSIVOS IMPROVISADOS, IED, TTP, TÉCNICAS, TÁTICAS E PROCEDIMENTOS, C-IED, AFEGANISTÃO.

ABSTRACT

Improvised Explosive Devices and the ways to defeat them, have acquired great importance, they have been the casualty's major cause in Afghanistan. Improvised Explosive Devices also demonstrate the adversary's power, while demonstrating NATO and government forces weakness by highlighting their failure to prevent them.

So, a study of Techniques, Tactics and Procedures in response to Improvised Explosive Devices was proposed.

In this context, the main goal is to know what the perceptions of the company commanders in Afghanistan are about the Techniques, Tactics and Procedures in response to Improvised Explosive Devices.

The methodology study included a qualitative approach, based on a phenomenal analyses and interviews with Army Officers with knowledge and experience in this area.

The study concludes that the principal's difficulties are concerning the assets and training.

Keywords: IMPROVISED EXPLOSIVE DEVICES, IED, TTP, TECHNIQUES, TACTICS AND PROCEDURES, C-IED, AFGANISTAN.

“If terrorism is not dealt with in Afghanistan, the consequences will be felt not just in Afghanistan and the region, but also in London, Brussels and Amsterdam”

Jaap de Hoop Scheffer
Nato Secretary General
(Reunião dos ministros da defesa NATO em Vilnius, Lituânia)
(7 e 8 Fevereiro 2008)

INTRODUÇÃO

O interesse por este tema de trabalho resultou de uma reflexão das vivências enquanto militar, pois tem grande relevo na actualidade, como é o caso do Iraque e Afeganistão, em que os Engenheiros Explosivos Improvisados (IED's) são a maior causa de baixas entre os militares. Portugal participa em missões onde existem essa tipologia de ataques e a preparação é imperiosa. Assim, sente-se que os conteúdos teóricos enquanto formando foram pouco focalizados na formação de base.

Desta inquietação ainda muito primária e pouco aprofundada, surgiu um Trabalho de Investigação Aplicada que permitiu obter variadas experiências em diversas áreas, proporcionando a oportunidade de participar numa experiência inovadora na área da Investigação. Assim, surge a presente investigação, relacionada com a Área Científica: Organização, Tática e Logística (OTL) que se encontra inserida no plano curricular do Estágio de Natureza Profissional do Tirocínio para Oficial de Infantaria (TPOI), dos cursos da Academia Militar tornando-se uma aprendizagem diferente e que se subordina ao tema: *“Técnicas, Tácticas e Procedimentos em resposta aos Engenheiros Explosivos Improvisados”*.

Esta escolha é sem dúvida uma questão que causa interesse, tendo em conta a dimensão da sua importância devido ao facto de um Oficial de Infantaria poder participar numa missão em que os ataques com IED's são uma realidade constante. Este trabalho irá contribuir certamente para uma melhor interiorização de conhecimentos e consequentemente uma melhor preparação para fazer face à ameaça.

Partir de ideias gerais para objectivas obriga a um trabalho de cariz científico e de qualidade, necessitando indispensavelmente da elaboração de um projecto de investigação. Este guia norteador implica a mobilização de recursos para organizar objectivos previamente estabelecidos, planeado para que durante o percurso da investigação, não seja influenciado por variáveis externas. Assim, o planeamento consiste em delinear as acções que permitem atingir os objectivos desejados, minimizando influências.

Foi através da realização de um projecto que se iniciou um percurso mais profundo na investigação. Dele resultou o presente estudo que assenta na problemática da percepção

dos comandantes de companhia da utilização das Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTP) no Teatro de Operações (TO) do Afeganistão.

Analisando mais profundamente, verifica-se que existem princípios orientadores na elaboração das TTP, porém estas estão em constante mutação, devido à dicotomia acção – reacção em ambiente IED.

Contextualizando a minha problemática, constata-se que os IED's desde sempre existiram, porém nunca foram utilizados em tão grande escala como no Iraque e no Afeganistão. (CALL, 2005)

Os IED's são armas táticas, podem causar baixas elevadas e restringir a liberdade de movimentos. São armas baratas e relativamente fáceis de produzir e normalmente oferecem ao operador dessas armas uma menor exposição ao risco de lutar com as forças militarmente mais fortes do que na utilização de armas de fogo directo. (NATO, 2008)

O C-IED surge como um esforço colectivo a todos os níveis para derrotar o sistema IED. Visa reduzir ou eliminar os efeitos de todos tipos de IED's usados contra as forças amigas e não combatentes de acordo com a missão. O sucesso das operações C-IED é evitar que o insurgente use um dos seus sistemas de armas mais potentes e assim dar liberdade de movimentos às forças NATO para melhor alcançar os objectivos operacionais. (NATO, 2008)

As TTP resultam do processo de lições aprendidas. Todas as forças de manobra devem estar familiarizadas com as correctas TTP para detectar os IED's, assim como, com os especialistas que existem para lhes dar apoio e ainda com a forma de as empregar. As TTP devem ser sempre as mais actualizadas possíveis para serem apropriadas e eficientes. Durante o curso de uma operação é esperado que a ameaça IED evolua e mude, assim os comandantes terão que desenvolver TTP apropriadas para fazer face a essa nova ameaça. (NATO, 2008)

Assim sendo, a consciencialização da importância deste tema permitirá sensibilizar os militares, dando-lhes a panorâmica geral das percepções dos comandantes de companhia portuguesa no Afeganistão acerca das TTP utilizadas em resposta aos IED's. No seguimento desta problemática, dirijo a minha inquietação para um problema de investigação que consiste em descobrir:

Questão Central:

“Qual a percepção dos Comandantes de Companhia das Forças Nacionais Destacadas no TO Afeganistão acerca das TTP utilizadas em resposta aos IED's, no período de Agosto de 2007 a Agosto de 2008?”

O estudo tem como principal propósito compreender a formação teórico-prática dos militares no aprontamento, a sua formação contínua em C-IED no TO Afeganistão, as TTP utilizadas, a relação estabelecida com a população e autoridades locais e finalmente as dificuldades para fazer face aos IED's. Refere-se como principal dificuldade existir um grande volume de matéria classificada, limitando a pesquisa e consequentemente os resultados.

O presente TIA refere-se a um estudo com uma metodologia qualitativa, assente numa análise fenomenológica, baseado em entrevistas semi-estruturadas, com um guião norteador não limitativo, ou seja, existiu espaço para o entrevistado falar livremente sobre assuntos relacionados com o tema. Definiu-se um período de um ano para se obter a informação mais actualizada possível, visto que as TTP vão-se aperfeiçoando para fazer face às TTP dos insurgentes. A análise das entrevistas foi através do conteúdo de informação, emergindo áreas temáticas, categorias, sub-categorias e unidades de significação.

Estruturalmente o presente trabalho encontra-se organizado em cinco capítulos, distribuídos na seguinte ordem:

O Capítulo 1, Enquadramento Teórico, refere-se ao quadro referencial, a base teórica que suporta o trabalho. Numa primeira parte aborda-se o Afeganistão aspectos gerais da geografia e história e a criação da ISAF. Numa segunda parte fala-se do geral para o particular, desde o C-IED às TTP.

O Capítulo 2, Objecto de Estudo e Opções Metodologias, onde se delimita a problemática e objectivos de forma a justificar a pertinência deste estudo e expõem-se as opções metodológicas sucessivamente adoptadas para cumprir com o mesmo.

O Capítulo 3, Apresentação e discussão dos resultados, onde se realiza a apresentação e interpretação dos resultados obtidos.

Por último, as Conclusões, concluí-se com uma análise crítico-reflexiva contemplando, as principais ideias, expectativas, constrangimentos, contributos do trabalho e algumas sugestões que se consideram pertinentes.

Espera-se contribuir para aumentar os conhecimentos existentes nesta área.

CAPÍTULO 1

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Uma revisão da literatura, segundo Fortin (2003, pp. 73) implica “(...) *fazer o balanço do que foi descrito no domínio de investigação em estudo.*”. Isto adquire grande importância, pois só assim se consegue explorar o domínio pretendido.

É a partir do quadro referencial que se pode organizar a revisão da literatura pois ele representa, segundo Mace cit. por Fortin (2003, pp. 93) “(...) *a ordenação dos conceitos e subconceitos determinados no momento da formulação do problema para suportar teoricamente a análise posterior do objecto em estudo.*”.

Com a construção do quadro referencial pretende-se esclarecer alguns conceitos inerentes à problemática em estudo. Para este efeito, baseia-se na bibliografia consultada para uma revisão de literatura na área.

1.1. Afeganistão - qual a realidade?

O Afeganistão é um país interior, situado na Ásia Central, geograficamente localizado no hemisfério Norte. Não tem acesso ao mar e faz fronteira com o Irão (936Km), Turquemenistão (744Km), Uzbequistão (137Km), Tajiquistão (1.206Km), China (76Km) e Paquistão (2.430Km). (CIA, 2010)

Após a retirada das tropas soviéticas em 1988, o Afeganistão mergulha num período de guerra civil, até que em 1996 os Talibã assumem o controlo de Kabul e introduzem a versão mais dura do islamismo, proibindo as mulheres de trabalhar e aplicando as punições islâmicas tais como o apedrejamento até à morte e as amputações. (BRR, 2006)

Em 1997 os Talibã controlam cerca de dois terços do país sendo reconhecidos pelo Paquistão e pela Arábia Saudita como governantes do Afeganistão. Em 1998 os Estados Unidos da América lançam mísseis de ataque a bases suspeitas de Osama Bin Laden, acusado de ataques bombistas a embaixadas americanas em África. As Nações Unidas

implementam um embargo aéreo e financeiro numa tentativa de forçar Osama Bin Laden a entregar-se. (BRR, 2006)

Em Outubro de 2001 Forças Americanas e Inglesas lançam ataques aéreos contra o Afeganistão após os Talibã terem recusado entregar Osama Bin Laden, acusado de ser responsável pelos ataques de onze de Setembro nos Estados Unidos da América. A cinco de Dezembro diversos grupos afegãos participam num acordo em Bona para o levantamento de um governo interino. (BRR, 2006)

1.2. A ISAF

1.2.1. Resumo Histórico

A *International security Assistance Force* (ISAF) foi criada de acordo com a conferência de Bona em Dezembro de 2001. Os líderes Afegãos que participaram na conferência começaram o processo de reconstrução do seu país criando uma nova estrutura de governo, chamada *Afghan Transitional Authority* (ATA). A criação de uma força internacional mandatada pelas Nações Unidas também foi acordada nessa ocasião, para garantir um ambiente estável e seguro em Kabul e apoiar a reconstrução do Afeganistão. Estes acordos criaram uma parceria entre a ATA a United Nations Assistance Mission in Afghanistan (UNAMA) e a ISAF. (ISAF, 2010)

Em 11 de Agosto de 2003 a NATO assumiu a liderança da ISAF e em Outubro desse ano a UN através da resolução número 1510 estendeu o mandato da ISAF a todo o território do Afeganistão. (ISAF, 2010)

Desde Agosto de 2006 a organização da ISAF é genericamente:

O *Regional Command Capital* (RC-C) com a responsabilidade da AOO KABUL;

O *Regional Command North* (RC-N) com a responsabilidade da AOO Norte;

O *Regional Command West* (RC-W) com a responsabilidade da AOO Oeste;

O *Regional Command South* (RC-S) com a responsabilidade da AOO Sul;

O *Regional Command East* (RC-E) com a responsabilidade da AOO Este.

De acordo com todas as mais relevantes resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas, o papel fundamental da ISAF consiste em assistir o Governo do Afeganistão em estabelecer um ambiente seguro e estável. Para isso as forças da ISAF conduzem operações de segurança e estabilidade no país em conjunto com as Forças Nacionais de Segurança do Afeganistão e está directamente envolvida no desenvolvimento do Exército Nacional Afegão. (ISAF, 2010)

1.2.1.1. Missão

A ISAF, em apoio do Governo da República Islâmica do Afeganistão conduz operações no Afeganistão para reduzir a capacidade e a vontade da insurgência. Tem como objectivo suportar o aumento da capacidade das Forças Nacionais de Segurança do Afeganistão, e facilitar melhoramentos na governação e desenvolvimento socioeconómico, para garantir um ambiente seguro e estabilidade sustentada que seja observada pela população. (ISAF, 2010)

Portugal participa¹ na missão da ISAF como *Quick Reaction Force* (QRF) e como *Operational Mentoring and Liaison Team* (OMLT).

1.3. Os IED's

Um engenho explosivo improvisado é definido como um engenho colocado ou fabricado de uma forma improvisada que contem químicos destrutivos, letais, nocivos, pirotécnicos ou incendiários, concebidos para destruir, incapacitar, embaraçar, ou distrair. Pode incorporar material militar, mas normalmente deriva de componentes não militares. (NATO, 2008)

Os IED's são armas tácticas, podem causar baixas elevadas e restringir a liberdade de movimentos. São armas baratas e relativamente fáceis de produzir. Normalmente oferecem ao operador dessas armas uma menor exposição ao risco de lutar com as forças militarmente mais fortes, do que na utilização de armas de fogo directo. (NATO, 2008)

Por essas razões, os IED's são frequentemente as armas escolhidas pelo insurgente. Constituem uma escolha conveniente para usar contra um adversário tecnologicamente e numericamente superior. O seu uso não está somente limitado às forças irregulares, ou insurgentes, e o seu impacto pode ser usado em todo o espectro do conflito. (NATO, 2008)

Os IED's são armas que têm efeitos físicos destrutivos mas, os seus efeitos estendem-se para além da destruição. Demonstram o poder do insurgente e também a insuficiência da NATO e das forças governamentais, para conseguirem prevenir a sua utilização. Devido à sua eficiência, causa preocupação às forças NATO, restringe e abranda a sua liberdade de movimentos e consome ou ocupa recursos militares. A ocorrência desses ataques com IED's, desmoraliza a população local pela impressão de falta de segurança e cria divisões entre a população e o governo legítimo, que deveria garantir a segurança da sua população. (NATO, 2008)

¹ Ver Anexo A

Por causa da sua natureza espectacular, conferem ao insurgente exposição aos meios de comunicação social globais. Quando combinado com as baixas que causam, pode originar uma perda de apoio da população das nações que integram a NATO, que por sua vez podem influenciar as decisões de quem tem o poder dessas nações. (NATO, 2008)

A variedade de IED's, componentes electrónicos, métodos de ocultação e tecnologias de iniciação à distância, contribuem para a dificuldade actual em combatê-los. Estes são apenas limitados pela imaginação do fabricante e disponibilidade de materiais. Os IED's actualmente empregues quer no Iraque quer no Afeganistão, usam predominantemente sistemas de iniciação por controlo remoto e filares. Julga-se que os IED vão evoluir ainda mais, tornando mais difícil a sua detecção. (EPE, 2010)

Segundo a doutrina portuguesa (EME, 2005 pp. B-11) *“Técnicas são métodos gerais e detalhados para utilização de pessoal e equipamento, usados pelas forças e pelos comandantes para executar as missões atribuídas.”* De acordo com (EME, 2005 pp. B-10) *“Táctica é o emprego de unidades em combate. Inclui a disposição adequada de unidades de manobra em relação ao terreno, inimigo e forças amigas, para traduzir o potencial de combate em vitória nas batalhas e empenhamentos. Nível da guerra, no qual as batalhas e empenhamentos são planeados e executados para atingir os objectivos atribuídos às unidades tácticas.”* Procedimentos *“São as modalidades de acção normalizadas e detalhados que descrevem como se executam as tarefas.”*

1.3.1. Tipos de IED

Os IED's são construídos com o objectivo de causar baixas e danos nas NT, veículos e infra-estruturas. As TTP dos insurgentes mudam de acordo com o sucesso de ataques prévios. Os IED's podem ser construídos com explosivos militares ou comerciais, explosivos caseiros, e também com munições que os insurgentes conseguem arranjar. O seu efeito principal pode ser explosivo ou incendiário, e ser aumentado com a introdução de fragmentos adicionais. Um IED tem a seguinte constituição básica:

- Meios de Iniciação
- Iniciador
- Carga Principal
- Fonte de Alimentação
- Contentor

Pode ainda ser classificado quanto aos meios de emprego e meios de iniciação. (NATO, 2008)

1.3.1.1. Quanto aos meios de emprego:

Emprego manual

São IED's colocados ou lançados manualmente de forma a atacar as NT. Também podem ser colocados por mergulhadores em ambiente marítimo. (NATO, 2008)

Veículo com IED (*Vehicle Borne – VBIED*)

Um VBIED pode ser montado em qualquer tipo de veículo, bicicletas, carros, camiões, aeroplanos, barcos, veículos aéreos não tripulados (*unmanned aerial vehicles – UAV*) e submersíveis. O uso de veículos permite a fácil dissimulação e acumulação de grandes cargas de explosivos. (NATO, 2008)

Projectados

Os IED's projectados são frequentemente usados contra localizações suficientemente bem protegidas e que por outros meios eram difíceis de atingir. Podem ser projectados por rockets, morteiros ou dispositivos semelhantes. Em alguns casos o projectil pode ser uma munição convencional que é projectada, toda ou parte dela, por meios improvisados. Podem detonar por impacto ou por atraso, iniciado por um temporizador. (NATO, 2008)

Pessoa com IED (*Person Borne IED - PBIED*)

Uma pessoa com IED usa uma veste, um cinto, uma mochila, ou algo que possibilite o transporte do IED. O PBIED é habitualmente iniciado pela pessoa que transporta o IED (suicida), contudo nem todos os PBIED são accionados por quem transporta o IED. (NATO, 2008)

1.3.1.2. Quanto aos meios de iniciação

Comando

Comando por fio (*Command wire IED – CWIED*)

É um circuito eléctrico ligado por fio entre o interruptor e a carga explosiva. Este sistema oferece vantagens já que é simples e é invulnerável às contra medidas electrónicas (*electronic counter measures – ECM*). Contudo o longo fio pode ser difícil de colocar e pode levar à detecção do operador do CWIED.

Rádio controlo (*radio controlled IED – RCIED*)

Um RCIED é constituído por um transmissor rádio no local onde está o insurgente e um receptor rádio, ligado ao iniciador, no local onde está o IED. Rapidamente pode ser colocado em posição, já que pode ser pré preparado e não necessita de um elo físico entre

o IED e o insurgente. Contudo pode ser detectado e inibido pelas ECM. Em alguns casos o RCIED pode ser colocado fora do alcance dos aparelhos de ECM para assim conseguir iniciar o IED.

Temporizados

Um IED controlado por temporizador permite um atraso à sua iniciação, o que permite ao insurgente estar em qualquer outro lugar, quando o IED iniciar. Os temporizadores mecânicos ou eléctricos são os mais utilizados.

Iniciados pela vítima (*Victim Operated IED – VOIED*)

Um IED pode ser iniciado pela vítima por tracção, distensão, pressão, descompressão, por infra-vermelhos passivos ou activos entre outros.

1.3.1.3. Ataques complexos

Os IED's descritos anteriormente podem ser combinados com IED's secundários, terciários ou múltiplos, do mesmo ou de diferentes tipos, e outros sistemas de armas de modo a produzir ataques complexos. Estes ataques complexos são normalmente conduzidos para atingir as forças que vão responder ao ataque IED inicial.

1.3.1.4. Campanhas de Perturbação

Esta tática pode ser usada com grande efeito pelo insurgente para perturbar e condicionar as capacidades das forças amigas. Consiste na conjugação de um grande número de falsos IED's com alguns reais, colocados em lugares importantes para as forças amigas ou em estradas principais.

1.4. Fundamentos C-IED

1.4.1. Propósito do C-IED

Contra-IED são os esforços colectivos a todos os níveis para derrotar o sistema IED com vista a reduzir ou a eliminar os efeitos de todos tipos de IED's usados contra as forças amigas e não combatentes de acordo com a missão. O sucesso das operações C-IED é evitar que o insurgente use um dos seus sistemas de armas mais potentes e assim dar liberdade de movimentos às forças NATO para melhor alcançar os objectivos operacionais. (NATO, 2008)

1.4.2. Estratégia C-IED

A estratégia C-IED está dividida em três actividades:

- 1.4.2.1. Derrotar o sistema
- 1.4.2.2. Derrotar o engenho
- 1.4.2.3. Treino e educação

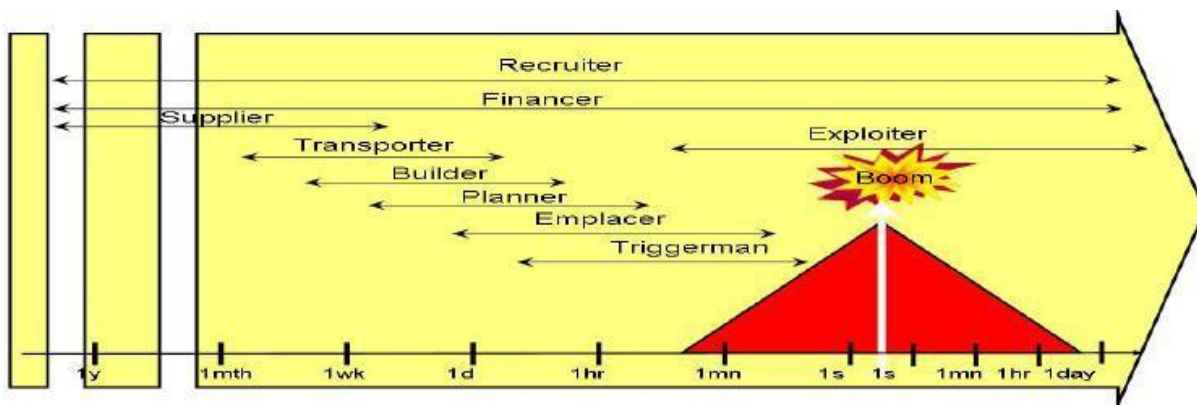


Figura 1: O sistema IED

Fonte: (NATO, 2008 pp. 1-4)

Para derrotar o sistema IED é necessário um esforço para desarticular as acções que o insurgente desenvolve. O insurgente necessita de financiamento e pessoal para os seus intentos. Necessita de igual forma de: angariar os materiais, uma forma de os transportar, um construtor, planejar o ataque, colocar o IED, alguém que lance o ataque e, faz ainda uma análise do sucedido de modo a conseguir mais informação sobre a maneira de actuar das nossas tropas.

1.4.2.1. Derrotar o sistema

Derrotar o sistema IED consiste em acções e actividades que vão para além do TO e que têm o propósito de desarticular a cadeia de eventos IED dos insurgentes. Atingindo o sucesso nesta operação previne-se que o IED seja colocado no local e accionado. Contudo se a detonação ocorrer, deverão ser feitos esforços no domínio das informações para que o insurgente não consiga capitalizar o sucedido. A exploração é fundamental para derrotar o sistema IED e é uma actividade que deverá ser contínua antes e depois do incidente. As informações adquiridas à custa da exploração proporcionam uma imagem das capacidades e intenções do insurgente que permite prever a futura actividade IED. (NATO, 2008)

1.4.2.2. Derrotar o engenho

Derrotar o engenho diz respeito a lidar com o engenho estando já ele colocado em posição. As medidas tomadas aqui tem um efeito imediato e salvam vidas directamente. Detectar o local do engenho (IEDD – *IED Detection*) e os seus componentes associados, quer por meios visuais ou técnicos vai permitir às forças amigas evitar o engenho. As equipas de inactivação de engenhos explosivos (*Explosive ordnance disposal - EOD*) podem ser colocadas no terreno para neutralizar o IED. Se estes esforços falharem e o IED detonar, os efeitos dessa detonação podem ser mitigados quer por medidas tácticas (manter a dispersão táctica), quer por medidas técnicas (usar protecção). Quer o IED detone ou não, o acontecimento pode ser explorado para melhor se perceber o *modus operandi* da ameaça IED, as capacidades do engenho e a forma de actuar do seu criador. Isto permite o desenvolvimento de novas soluções técnicas e tácticas para detectar e neutralizar os engenhos e para mitigar os seus efeitos. (NATO, 2008)

1.4.2.3. Treino e educação

O objectivo do treino e educação é assegurar que todos os indivíduos e unidades da força possuem os conhecimentos e o treino apropriado na doutrina e procedimentos C-IED para fazer face ao ambiente operacional onde estão inseridos. As TTP's resultam do processo de lições aprendidas. Todas as forças de manobra devem estar familiarizadas com as correctas TTP's para detectar os IED's, assim como, com os especialistas que existem para lhes dar apoio e com a forma de os empregar. As TTP's incluem acções em Altos, exercício de limpeza de itinerários acções em pontos vulneráveis, e a importância de variar os itinerários e as tácticas para prevenir que o insurgente identifique algum tipo de padrão no modo de actuação das forças amigas. As TTP's devem ser sempre as mais actualizadas possíveis para serem apropriadas e eficientes. O sucesso das operações traduz-se em 60% treino e TTP, 30% tecnologia e 10% sorte. Durante o curso de uma operação é esperado que a ameaça IED evolua e mude, assim os comandantes terão que desenvolver TTP's apropriadas para fazer face a essa nova ameaça. (NATO, 2008)

1.4.3. Actividades Operacionais Chave

Existem seis Actividades Operacionais Chave que formam a base de uma aproximação integrada para derrotar a campanha IED do insurgente. São actividades para: prever as acções do insurgente relacionadas com os IED's; prevenir a sua execução; detectar o material IED, componentes e modo de construção; neutralizar dispositivos já colocados no lugar e/ou os meios remotos para os iniciar; mitigar os efeitos das detonações

dos IED's e por fim explorar a ocorrência de acontecimentos com IED's para analisar informação relevante. (NATO, 2008)

1.5 Princípios C-IED

A eficácia de uma TTP depende se o insurgente descobriu ou não uma forma de evitar os seus efeitos. O insurgente observa as forças da ISAF para determinar a sua reacção ao contacto. Se o insurgente observar o desenvolvimento de um padrão de actuação, irá usar essa informação para desenvolver um ataque que capitalize os danos nas unidades que utilizem essa TTP. As NT devem continuamente observar as contra medidas que insurgente utiliza em resposta às TTP. Como resultado deste ciclo de acção - reacção, as TTP podem rapidamente tornar-se ineficientes. Este facto enfatiza o risco que existe em aprontar uma força para lutar em ambiente IED baseado nas últimas TTP. Uma unidade deve estar preparada para desenvolver novas TTP de forma a se adaptarem à situação actual. (CALL, 2005)

Seguidamente iremos observar os princípios que devem ser tidos em conta na elaboração das TTP.

1.5.1. Manter uma postura ofensiva

Um ataque com IED é um contacto com o inimigo. Cada comandante deve estar preparado para desenvolver rapidamente as suas forças de modo a estabelecer contacto com o inimigo. Se a situação e a capacidade da unidade o permitirem, o comandante deverá atacar pelo fogo e manobrar para conseguir destruir ou capturar o atacante. A acção ofensiva, contudo, não significa disparar às cegas para qualquer coisa nas imediações do ataque IED. As regras de empenhamento devem ser seguidas, por isso deve ser treinada a identificação dos combatentes inimigos. (CALL, 2005)

1.5.2. Desenvolver e manter o esclarecer da situação

As capacidades dos insurgentes para se misturar com a população e a rápida natureza dos ataques obrigam a que as forças mantenham altos níveis de alerta durante as patrulhas. As forças devem conduzir reconhecimentos para determinar os padrões normais numa nova área de operações para assim conseguirem reconhecer alguma coisa fora do normal. Conduzir operações em terreno urbanizado e patrulhas de longa duração desafia o comandante a uma vigilância constante. Um bom esclarecer da situação é chave para ver,

perceber, e actuar nos indicadores do pré-ataque, de forma a negar ao inimigo a vantagem da surpresa. (CALL, 2005)

Saber o que procurar e onde procurar, permite encontrar IED's todos os dias. Cada militar da patrulha deve observar o seu sector para encontrar indicadores de IED. A velocidade pode diminuir a capacidade dos militares da patrulha, de encontrar indicadores de IED antes de o IED detonar. Os comandantes de patrulha devem saber quando e onde devem utilizar a velocidade como dissuasor de ataques. (CALL, 2005)

Entender as tácticas do inimigo, fazer perguntas aos locais, comunicação horizontal e vertical entre os escalões, observar o meio envolvente, contribui para um efectivo esclarecer da situação. Procurar indicadores de pré-ataque como as mudanças no meio envolvente, a ausência de padrões estabelecidos pelos civis, ou a presença de indicadores de IED permite às forças da coligação tomar acções preemptivas para prevenir um ataque efectivo. (CALL, 2005)

1.5.3. Evitar estabelecer padrões

O inimigo sabe que se observar o tempo necessário, consegue detectar um padrão que lhe pode dar uma oportunidade para atacar. Limitar a nossa previsibilidade a conduzir operações tácticas. Será necessário mudar itinerários aquando do movimento para uma área de operações e variar as formações de marcha e as TTP's conforme a situação táctica. (CALL, 2005)

1.5.4. Estabelecer segurança 360 graus

A actividade inimiga que se mistura com a população local é difícil de detectar e pode ameaçar a unidade de qualquer direcção. A segurança em 360 graus deve ser constantemente mantida, quer montados em veículos ou apeados.

Quando é feito um pequeno alto ou quando o contacto é efectivo, a reacção natural é para nos focar nas proximidades ou na ameaça mais aparente. A reacção natural depois de um ataque com IED é ainda mais pronunciada. A curiosidade ou a preocupação atrai as atenções para os feridos ou os veículos destruídos. Essas tendências podem ter consequências mortais. (CALL, 2005)

1.5.5. Manter distância de segurança

Deve-se manter uma distância de segurança dos locais onde normalmente se encontram os IED's. Bermas das estradas, centro da via, veículos parados ao longo da estrada, e pontos de estrangulamento são locais mais prováveis para ataques com IED's. Quando montados deve-se usar sinais reconhecíveis para criar uma distância de segurança

do tráfego civil. Quando num alto, usar obstáculos ou terreno para criar uma distância de segurança entre a nossa posição e o tráfego civil. (CALL, 2005)

1.5.6. Manter dispersão táctica

As unidades devem estabelecer o contacto com a mínima força possível. Quando montados ou apeados devem manter a separação apropriada para a situação táctica. Manter a apropriada dispersão reduz a probabilidade de vários veículos ficarem danificados num eventual ataque bem sucedido com IED. A tendência para os militares se agruparem é mais pronunciada em altos. Os comandantes devem reforçar a disciplina táctica durante os altos. (CALL, 2005)

1.5.7. Usar protecção

A protecção individual e a conferida pelos veículos é uma medida de protecção contra os rebentamentos de IED. As unidades não devem evitar ficar dependentes da protecção conferida pelos veículos e apeiar quando é apropriado. Os apontadores dos veículos devem ficar o mais abrigados possível. (CALL, 2005)

1.5.8. Empregar os inibidores de frequências como um sistema de armas

Os inibidores de frequências (*Electronic Jammer Against Bombs - EJAB*) oferecem protecção para RCIED, mas só se forem empregados de uma forma adequada. Os comandantes e os restantes militares devem perceber como empregar e lutar com os EJAB. Devem saber quais as suas capacidades e limitações, o seu efeito noutros sistemas electrónicos, e os procedimentos de não comunicações. (CALL, 2005)

1.6. Os Indícios para detecção de IED's

Os indícios são o que podem denunciar os ataques com IED's, é por isso importante a força estar familiarizada e actualizada com as ultimas TTP's dos insurgentes. Por isso segundo EPE (2010) deve-se estar atento a:

- Objectos nas bermas de itinerários: caixas, sacos, botijas de gás, veículos avariados ou excessivamente carregados, entulho e/ou escombros, amontoados de pedras, carcaças de animais, lixeiras.
- Cabos expostos ou elementos tipo antena.
- Indícios de escavação (solo recentemente remexido no meio ou lateralmente ao itinerário).

- Marcações na estrada que servem de ajuda para apontar à zona de morte: fitas em árvores, pedras empilhadas ou amontoadas ou escombros.
- Veículos parados ao longo da estrada ou outras obstruções.
- Por vezes os insurgentes usam luzes ou disparos para sinalizar a aproximação da coluna ou patrulha.
- Vigilância à coluna de viaturas.
- Ausência de civis ou crianças em zonas normalmente populosas.
- Pontes, vegetação lateral, zonas de congestionamento: cruzamentos, estreitamento de vias.

Durante os deslocamentos a força deve estar atenta aos indícios e ter atenção aos pontos vulneráveis no itinerário, locais onde podem ocorrer emboscadas ou colocação de IED's. Segundo EPE (2010) são: travessia de vales, passagens hidráulicas, pontes, viadutos, entroncamentos e cruzamentos, locais já referenciados anteriormente (IED colocados com sucesso) e hot spots, locais onde os veículos são forçados a abrandar, curvas apertadas, buracos, escombros ou outros locais que canalizam os veículos, itinerário dominado por flancos elevados a partir dos quais se pode observar e fazer fogo de forma oculta (urbano ou rural).

1.7. TTP para reagir a um ataque IED

Segundo a EPE (2010), as TTP em uso para reagir a um ataque IED depende, em primeiro lugar, do tipo de ataque que se desenvolve contra a força e dos seus efeitos. Em segundo lugar do comandante, já que dispõe de iniciativa para desenvolver a situação conforme o caso.

1.7.1. Se a viatura é Recuperável, o que fazer?

Sair da zona de morte se possível. Manter ou aumentar a segurança veículos da frente e da retaguarda estabelecem cordão de segurança. Preparar-se para ataques que possam surgir. Procurar IED's secundários (5/25), procurar e observar localizações prováveis do homem do gatilho. Tratar e evacuar os feridos. Recuperar o veículo reportar situação.

1.7.2. Ataque Catastrófico (viatura destruída)

Se o ataque é catastrófico: aumentar a segurança, ocupar terreno chave, observar os itinerários de aproximação, atribuir sectores de tiro e linhas de gatilho, pedir QRF e MEDEVAC reportar situação.

1.7.3. Ataque Complexo

Eliminar a ameaça imediata através de superioridade de fogos e manobrar para eliminar a ameaça, se necessário pedir fogos indirectos ou CAS.

Se o veículo for recuperável: procurar por IED's secundários, evacuar feridos, recuperar o veículo. Se o ataque é catastrófico: aumentar a segurança, ocupar terreno chave, observar os itinerários de aproximação, atribuir sectores de tiro e linhas de gatilho, pedir QRF e MEDEVAC reportar situação.

1.7.4. Inspeção 5/25

O propósito da inspeção 5/25 é assegurar que a patrulha pára num local seguro. Esta inspeção requer que todos os militares da viatura observem o terreno e evitem as áreas mais prováveis de conter IED's, minas ou UXO's.

1.7.4.1. Inspeção aos 5 Metros

Deve-se identificar a melhor posição para parar. A inspeção inicial deverá ser conduzida desde o interior do veículo, para usufruir da sua protecção. Procurar indícios de terra remexida ou objectos suspeitos. Se limpo desmontar e procurar imediatamente à volta e por baixo do veículo. Conduzir a inspeção até aos 5 metros à volta do veículo.

1.7.4.2. Inspeção aos 25 metros

Assim que a inspeção aos 5 metros ficar completa, continuar a inspeção até aos 25 metros no sector atribuído ou área de responsabilidade. Procurar por indicadores IED ou algo fora do normal. Ter em atenção algum tipo de VOIED que possa existir. Deve-se estar atento a qualquer potencial localização do *triggerman*². Deve-se permanecer calmo caso se encontre um IED, a agitação pode alertar o *triggerman* para accionar o IED.

1.7.5. Os 5 “C’s”

Qualquer IED é um contacto com o insurgente. Se o IED for encontrado antes de detonar deverá ser tratado como se fosse explodir a qualquer momento. O insurgente no

² Triggeman: insurgente que acciona o IED à distância.

ponto de pontaria pode estar à espera que mais soldados se aproximem do engenho antes de ser detonado. Treinar as TTP vai permitir às forças responder da melhor forma ao contacto. (CALL, 2005)

1.7.5.1. Confirmar (*Confirm*)

A presença do IED deve ser confirmada de uma localização segura e à máxima distância e com protecção. A segurança não deve ser comprometida para se identificar um IED. Devem ser usados binóculos ou outros aparelhos que permitam detectar os engenhos à máxima distância. Deve-se ter sempre em mente a possibilidade da existência de engenhos secundários. Evitar ficar com a atenção presa só em determinados aspectos, informar a cadeia de comando da presença do item suspeito. Chamar EOD utilizando o relatório Spot³ seguido do relatório IED/UXO 9 line⁴. (MNC-I, 2008)

1.7.5.2. Evacuar (*Clear*)

Evacuar a área para uma distância de segurança (cerca de 300m) mas não estabelecer uma distância padrão. Se for um VBIED, será necessária mais distância de segurança. Deve sair-se da linha de vista para com o IED. Deve-se confirmar se a distância de segurança e a cobertura são adequadas. Retirar todas as pessoas da zona de perigo e não permitir que alguém entre, excepto a equipa EOD. Quando se move para uma nova localização, procurar sempre por IED secundários. Assumir sempre que o IED encontrado é um “isco” e o verdadeiro IED está perto da zona segura das NT. Os soldados deverão sempre conduzir os 5/25. (CALL, 2005)

1.7.5.3. Montar um cordão de segurança (*Cordon*)

Deve-se montar um cordão de segurança e um Ponto de Controlo de Incidente (ICP) para estabelecer contacto com as agências que virão a seguir. O propósito do cordão é prevenir que pessoal não autorizado se aproxime do local. Assim a segurança e as provas que as equipas de exploração necessitam não ficam comprometidas. Durante a extracção do pessoal de dentro do cordão devem ser feitas revistas aleatórias a pessoas, para tentar identificar possíveis insurgentes. (MNC-I, 2008)

³ Ver anexo B

⁴ Ver anexo C

1.7.5.4. Inspeccionar (*Check*)

Todos os militares devem inspeccionar a sua área para tentar encontrar engenhos, e efectuar a inspecção 5/25. Deve-se procurar por materiais e equipamento usado nos IED's, esses materiais podem levar a encontrar mais IED que estejam a flanquear a unidade. (MNC-I, 2008)

1.7.5.5. Controlar (*Control*)

A área dentro do cordão é controlada para assegurar que só acede pessoal autorizado. Autorizar só a equipa EOD a entrar e dirigir-se ao ICP. Todo o tráfego civil deve ser desviado do cordão. O cordão deve estar seguro, assegurando que ninguém entra na área perigosa até que a equipa EOD dê o sinal de área limpa. Deve-se permanecer alerta e tentar localizar o possível *triggerman* desde a actual posição. (CALL, 2005)

CAPÍTULO 2

OBJECTO DE ESTUDO E OPÇÕES METODOLÓGICAS

Para que se possa enunciar os objectivos que se pretende alcançar com o estudo e as questões de investigação levantadas, é conveniente classificar o nível de conhecimentos.

O estudo será de carácter exploratório-descritivo, ou seja, estará situado no Nível I. Este tipo de estudo vai permitir que o fenómeno – as percepções dos Comandantes de Companhia das Forças Nacionais Destacadas no TO Afeganistão em resposta aos IED's – seja caracterizado de forma a torná-lo mais conhecido.

Para Fortin (2003, pp.52) o Nível I de conhecimentos pressupõe “(...) a descoberta de factores, consiste em descrever, nomear ou caracterizar um fenómeno, uma situação ou um acontecimento (...)”.

2.1. Objectivos do Estudo

Tendo em conta o nível de estudo enuncia-se um objectivo de carácter mais geral que permitirá desenvolver o trabalho e que se procura fundamentar através da seguinte questão central:

- A questão que se propõe tratar é “Qual a percepção dos Comandantes de Companhia das Forças Nacionais Destacadas no TO Afeganistão acerca das TTP's utilizadas em resposta aos IED's, no período de Agosto de 2007 a Agosto de 2008?”

Este percurso conduziu então à formulação de alguns objectivos em torno da problemática enunciada em toda a sua complexidade e globalidade.

A construção de um questionário tem por base o levantamento das questões específicas que possam dar resposta aos objectivos de pesquisa. (IESM, 2004)

Assim, enunciam-se os seguintes objectivos:

- Compreender a formação teórico-prática no aprontamento sobre IED da Companhia das Forças Nacionais Destacadas;
- Compreender a formação contínua em C-IED da Companhia das Forças Nacionais Destacadas;
- Conhecer as TTP utilizadas pela Companhia das Forças Nacionais Destacadas.
- Compreender a relação estabelecida entre a Companhia das Forças Nacionais Destacadas com a população e autoridades locais;
- Compreender as dificuldades mencionadas pelos Comandantes de Companhia das Forças Nacionais destacadas para fazer face aos IED's.

2.2. Questões de Investigação

Relativamente ao objectivo enunciado pretende-se dar resposta, com o estudo, às seguintes questões:

- Q1: Qual a formação teórico-prática no aprontamento sobre IED da Companhia das Forças Nacionais Destacadas que participou no TO Afeganistão, no período de Agosto de 2007 a Agosto de 2008?
- Q2: Qual a formação contínua em C-IED da Companhia, das Forças Nacionais Destacadas, que participou no TO Afeganistão, no período de Agosto de 2007 a Agosto de 2008?
- Q3: Quais as TTP utilizadas pela Companhia das Forças Nacionais Destacadas que participou no TO Afeganistão, no período de Agosto de 2007 a Agosto de 2008?
- Q4: Qual a relação estabelecida entre a Companhia das Forças Nacionais Destacadas que participou no TO Afeganistão, no período de Agosto de 2007 a Agosto de 2008, com a população e autoridades locais?
- Q5: Quais as dificuldades mencionadas para fazer face aos IED's no TO Afeganistão, no período de Agosto de 2007 a Agosto de 2008?

2.3. Metodologia

Tendo em conta as características particulares deste estudo e as questões de investigação já citadas que se propõe a atingir, considera-se que uma metodologia baseada num esquema interpretativo e compreensivo seria a mais adequada, ou seja, uma abordagem qualitativa. Segundo Fortin (2003, pp.322) uma abordagem qualitativa baseia-se na perspectiva naturalista e *“(...) concentra-se em demonstrar a relação que existe entre os conceitos, as descrições, as explicações e as significações dadas pelos participantes e investigador relativamente ao fenómeno.”*.

O tipo de estudo implícito na investigação é de natureza fenomenológica, que consiste em percepcionar determinada realidade do ponto de vista das pessoas que a vivem. Esta abordagem tem como ponto fulcral a compreensão global e aprofundada do significado e sentido que os participantes do estudo dão a uma determinada situação vivenciada, baseada no princípio de que tais conhecimentos só são possíveis de obter a partir da descrição subjectiva, definida pelos próprios actores.

De acordo com Fortin (2003, pp.148) *“(...) visa descobrir como o mundo é constituído e como o ser humano o experiencia através dos actos conscientes.”*. Desta forma, tenta descobrir a essência dos fenómenos, a sua natureza intrínseca e o sentido que lhe é atribuído pelo ser humano. O estudo dos fenómenos consiste em descrever o universo perceptual das pessoas que vivem uma experiência intrínseca à prática, que neste estudo serão as percepções dos Comandantes de Companhia das Forças Nacionais Destacadas no TO Afeganistão acerca das TTP utilizadas em resposta aos IED, no período de Agosto de 2007 a Agosto de 2008. Desta forma, pretende-se perceber a realidade tal como é percepcionada pela amostra. Assim sendo, considera-se que a análise fenomenológica implica uma descrição densa e fiel da experiência relatada.

2.3.1. Definição do terreno de pesquisa, da População e Amostra em Estudo

Por razões de ordem prática relacionadas com a execução deste trabalho, a escolha do local onde se realizaram as entrevistas foi intencional, tendo recaído sobre o local onde os maiores prestam serviço, Centro de Tropas Comando e Estado-Maior da Brigada de Reacção Rápida.

Ao se descrever a população e a amostra, segundo Fortin (2003) tem-se uma ideia mais global das suas características, o que irá permitir a sua selecção e posterior generalização de resultados.

Assim, a minha população é constituída pelos Majores Comandantes de Companhia das Forças Nacionais Destacadas no TO, no período de Agosto de 2007 a Agosto de 2008.

Segundo Maroco e Bispo (2003), em investigação, é impossível trabalhar com todos os elementos constituintes de uma população e por isso existe necessidade de definir um subgrupo desta, ou seja, uma amostra, para que se possa realizar um estudo.

Neste estudo, os participantes foram escolhidos através da amostragem teórica que acumula casos variados, pois recorrer-se-á a tantas realidades quantas o fenómeno compreende. Segundo Fortin (2003) a amostra deve, deste modo, representar o universo que se pretende descrever. Não é representativa no sentido estatístico, mas terá que representar cada uma das experiências, das formas de interacção ou situações do estudo.

A amostra no estudo é coincidente com a população, uma vez que o período definido foi no último ano de operações, de Agosto de 2007 a Agosto de 2008, havendo interrupção da missão durante um ano. Considera-se este período o mais recente em termos de aperfeiçoamento de TTP em resposta aos IED's. Assim é constituída por dois Majores Comandantes de Companhia no Afeganistão e possuem as seguintes características:

- *Sexo masculino*
- *Curso de Comandos ou Pára-quedista;*
- *Presença no TO Afeganistão há menos de 2 anos.*

2.3.2. Instrumentos de Recolha de Dados

A selecção dos instrumentos de recolha de dados deve coincidir com a metodologia adoptada pelos investigadores, de forma a dar resposta aos objectivos por eles definidos. É através dos instrumentos de medida que se recolhem os dados, sendo importante atender à sua fidelidade e validade. A fidelidade dos resultados decorre em parte da qualidade da amostra. Visto o estudo ser de carácter qualitativo e ser necessário obter dados próprios da amostra seleccionada, utilizou-se como instrumento de recolha de dados a entrevista.

Considerando a descrição retrospectiva das experiências vividas que baseia este estudo optou-se pela entrevista semi-estruturada, pois segundo Moreira (1994, pp.133), neste tipo de entrevista *“(...) o entrevistador faz sempre certas perguntas principais mas é livre de alterar a sua sequência ou introduzir novas questões em busca de mais informação. O entrevistador tem, assim, possibilidade de adaptar este instrumento de pesquisa ao nível de compreensão e receptibilidade do entrevistado.”*

Esta selecção justifica-se pelo facto dos entrevistados terem bastantes conhecimentos derivados de uma actuação num ambiente IED e pela possibilidade de orientar a entrevista de forma a explorar melhor determinadas ideias mais oportunas para o estudo, testemunhando as respostas dadas e aprofundando mais determinados aspectos. Por outro lado, este método exige um contacto directo do investigador com o entrevistado, o que permite também uma observação e interpretação de expressões gestuais, faciais e tom

de voz, entre outros. O facto da entrevista ser semi-estruturada permite que se tenha maior controlo sobre a informação a recolher, que não exista tanta formalidade e rigidez e que se consiga direccioná-la da melhor forma possível.

A colheita de dados efectuou-se através da recolha sistemática dos discursos dos informantes, recorrendo aos tópicos de um guião de entrevista semi-estruturada⁵ previamente elaborado, o qual sofreu várias alterações.

Inicialmente, com o objectivo de verificar a adequação da entrevista elaborada à amostra, aplicou-se este instrumento a camaradas, realizando assim um pré-teste. Desta forma, conseguiu-se perceber se as questões efectuadas eram perceptíveis para os militares, dando resposta aos objectivos estabelecidos.

Após validar a entrevista, esta foi aplicada à amostra seleccionada, o que permitiu obter as informações essenciais para prosseguir o estudo.

A realização das entrevistas decorreu no dia 25 de Março num local, definido pelos entrevistados. Os mesmos, foram devidamente informados acerca dos objectivos da entrevista, do estudo e foi-lhes garantido o direito ao anonimato e à confidencialidade segundo os princípios ético-legais preconizados.

O registo dos dados obtidos foi efectuado através da utilização de um gravador, previamente autorizado por todos os participantes.

2.4. Constituição do “Corpus” de Análise

Após a realização da totalidade das entrevistas, procedeu-se à sua audição integral seguida da sua transcrição completa e codificação como E1 e E2 de acordo com a ordem da sua realização e de modo a facilitar a sua posterior utilização.

2.5. Tratamento, Análise e Apresentação dos Dados

O tratamento dos dados iniciou-se aquando da colheita dos mesmos, é uma das etapas fundamentais da fase metodológica.

A análise de dados pode ser definida como um processo de busca e de organização sistemática da transcrição de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objectivo de aumentar a compreensão desses mesmos materiais. Neste sentido, a análise destes conteúdos, para além de envolver o trabalho com os mesmos, assume a sua organização, a divisão em unidades manipuláveis, a síntese, a procura de padrões e a descoberta dos aspectos importantes (Bogdan e Biklen, 1994).

⁵ Ver Apêndice A

Procedeu-se a uma análise qualitativa do conteúdo das entrevistas, efectuando uma triagem do que se considera mais pertinente para o estudo. Bardin (1997) organiza esta análise nas seguintes fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Na primeira fase, a pré-análise, os dados são organizados, constituindo-se um «corpus de análise», isto é, um conjunto de discursos obtidos para serem submetidos a análise. Segundo a mesma autora, este conjunto deve ser baseado por quatro regras fundamentais: a exaustividade, através do levantamento completo do material susceptível de ser utilizado; a representatividade, onde os documentos seleccionados devem ser representativos do universo inicial; a homogeneidade, sendo que os documentos devem ter sido reproduzidos com a mesma técnica e a pertinência, os documentos devem estar em consonância com os objectivos da pesquisa.

Na fase seguinte, a exploração do material, o investigador deve iniciar por efectuar uma leitura impressionista dos dados. Esta consiste em leituras sucessivas para uma maior familiaridade com os dados de forma a encontrar aspectos recorrentes e retirar as ideias mais importantes. Nesta fase, há uma procura dos temas mais abrangentes em função dos objectivos do estudo. Num segundo momento, designado de codificação, os dados brutos são transformados e agregados em unidades de análise (unidades de significação) que permitem uma descrição das características mais pertinentes em articulação com o quadro de referência teórico. Posteriormente, efectua-se uma categorização, que corresponde aos elementos conceptuais da teoria e visa identificar, organizar e atribuir sentido aos dados recolhidos.

Por último, torna-se necessário proceder ao tratamento e interpretação dos dados obtidos, sendo que cada elemento de análise é examinado com atenção e confrontado com o quadro de referência. A apresentação pode ser descritiva, em quadros de análise ou em tabelas síntese.

CAPÍTULO 3

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Aquando da realização das entrevistas procedeu-se ao trabalho dos dados de forma a elaborar a análise de conteúdo. Desta análise, permitiu-se extrair as áreas temáticas, as categorias, as subcategorias e as unidades de significação que permitiram responder às questões de investigação previamente enunciadas.

A apresentação dos dados será efectuada em texto narrativo uma vez que se trata de um estudo de carácter qualitativo. Esta forma de apresentação corre o risco de se tornar monótona, pouco atraente e difícil de consultar, mas encoraja a criação e difusão de modos de apresentação inovadores e fiáveis. Optou-se pela elaboração de “tabelas síntese” para cada área temática que contemplem as respostas dos entrevistados em cada categoria e subcategoria facilitando deste modo a sua apresentação e interpretação.

Seguidamente apresenta-se a análise descritiva e discussão dos resultados obtidos, assim, emergiram cinco áreas temáticas que se descrevem pormenorizadamente:

- Formação teórico-prática no aprontamento sobre IED;
- Formação contínua em C-IED da Companhia Portuguesa no TO Afeganistão;
- TTP utilizadas pela Companhia Portuguesa no TO Afeganistão em ambiente IED;
- Relação estabelecida entre a Companhia Portuguesa no TO Afeganistão com a população e autoridades locais;
- Dificuldades para fazer face aos IED no TO do Afeganistão.

3.1. Formação teórico-prática no aprontamento sobre os IED's

Categorias
3.1.1. Frequência de um Tenente num curso na NATO school
3.1.2. Formação com equipa da EPE
3.1.3. Formação de um dia na EPE

Tabela 1: Categorias da área temática Formação teórico-prática no aprontamento sobre os IED's

Nesta área temática foi objectivo conhecer qual a Formação teórico-prática no aprontamento. A análise de conteúdo mostrou que os discursos dos entrevistados assentaram em três categorias:

- 3.1.1. Frequência de um Tenente num curso na NATO school
- 3.1.2. Formação com equipa da EPE
- 3.1.3. Formação de um dia na EPE

3.1.1. Frequência de um Tenente num curso na NATO school

Como se pode constatar através da observação da Tabela Síntese I⁶, o Entrevistado 1 (E1) refere: *“(...) um Tenente foi à Alemanha frequentar um curso de duas semanas com militares americanos que tinham estado no Iraque e no Afeganistão e estavam a transmitir a sua experiência. Estes conhecimentos vieram aumentar a eficiência relativamente ao que os elementos de engenharia nos transmitiam, ele veio complementar a formação.”*

3.1.2. Formação com equipa da EPE

Nesta categoria os dois entrevistados referem:

E1: *“Tivemos elementos da escola prática de engenharia que vieram dar uma acção de formação de um dia lá em Mafra onde nós estávamos.”*

Entrevistado 2 (E2): *“(...) a formação teórica foi um dia, uma hora, uma coisa assim, muito ligeiro, foi dado por alguém da engenharia.”*

3.1.3. Formação de um dia na EPE

⁶ Ver Apêndice B

O E1 faz referência a: *“Houve a formação de um dia na escola prática de engenharia. Foi possível arranjar um itinerário e criar três ou quatro situações diferentes, mesmo a curta distancia, para as pessoas pensarem. Mesmo que não tenham encontrado a situação ideal naquele momento, é importante pensarem como poderiam resolver o problema.”*

Nesta área temática constata-se que a formação tanto teórica como prática especificamente em C-IED foi breve nos dois casos. Esta questão é deveras importante pois o treino e educação é preconizado e enfatizado pela NATO (2008) como preparação para fazer face a IED's insurgentes. Parece ter havido uma maior preocupação aquando da missão do E1 talvez por ser a mais recente, ou seja, a última missão a ser efectuada.

A frequência de um Tenente num curso da NATO School segundo o E1, veio enriquecer a formação dos militares e as suas formas de actuar. Isto porque quem participa nas missões e corre o risco de ser atingido por um IED, em primeiro lugar é o pessoal que anda no terreno a fazer patrulhamento.

A formação com a equipa EPE foi verbalizada, no entanto esta formação serve para quando é accionado ou identificado o IED e entra em cena o pessoal da Engenharia.

3.2. Formação contínua em C-IED da Companhia Portuguesa no Teatro de Operações do Afeganistão ⁷

Categorias	Subcategorias
3.2.1. Formação da ISAF	3.2.1.1. Teórica
	3.2.1.2. Prática
3.2.2. Formação antes do deslocamento para Comando Regional Sul	
3.2.3. Formação ISAF após 2 meses no TO	3.2.3.1. Teórica
	3.2.3.2. Prática

Tabela 2: Categorias e Subcategorias da área Temática Formação Contínua em C-IED da Companhia Portuguesa no Teatro de Operações do Afeganistão

⁷ Ver Apêndice C

Nesta área temática pretendeu-se conhecer qual a formação contínua em C-IED da Companhia Portuguesa no TO Afeganistão. A análise de conteúdo permitiu extrair três categorias:

3.2.1. Formação da ISAF

3.2.2. Formação antes do deslocamento para Comando Regional Sul

3.2.3. Formação ISAF após 2 meses no TO

3.2.1. Formação da ISAF

Esta categoria divide-se em duas subcategorias:

3.2.1.1. Teórica

E1: *“(...) são cerca de quinze dias e nesse dia tivemos formação teórica dada por militares lá em Cabul no Comando Regional Capital.”*

E2: *“São efectuadas formações teóricas de C-IED’s, uma adaptação, e portanto isso é feito no Afeganistão. E isso é uma mais valia.”*

3.2.1.2. Prática

E1: *“(...) um circuito de instrução didáctico, onde treinamos os procedimentos todos conforme a questão de segurança, a questão da utilização de relatórios para efectuar pedidos de apoio.”*

E2: *“15 dias de treino e preparação da força lá, e é planeado com as entidades lá no Afeganistão.”*

3.2.2. Formação antes do deslocamento para Comando Regional Sul

E1: *“No Afeganistão também cada comando regional tinha preocupações distintas relativamente aos IED’s, porque tem a ver com a forma de actuação. Era diferente em cada uma das regiões. Fora de Cabul já usavam outras questões, por isso quando fomos para sul, voltamos a ter a formação de C-IED. A actualização relativamente aos IED’s é revista de três em três meses. Por isso as forças de três em três meses devem fazer um upgrade à formação de C-IED, por causa das situações que estão a viver.”*

3.2.3. Formação ISAF após 2 meses no TO

Esta categoria divide-se em duas subcategorias:

3.2.3.1. Teórica

E2: “No TO tivemos uma formação bastante boa, contemplando duas partes: a primeira parte teórica com diversos briefings (...)”

3.2.3.2. Prática

E2: “(...) a segunda parte, prática no terreno onde eram montados circuitos com a tipologia de IED que poderíamos encontrar no TO, onde treinávamos todos os procedimentos com vista à detecção de indícios que podem prevenir um ataque, assim como à reacção aos mesmos caso não fossem detectados previamente.”

Verifica-se nesta área temática que a percepção da formação no TO é bastante boa e completa. Segundo os relatos, os militares sentiram-se melhor preparados depois de receberem esta formação teórica mas também prática. Segundo NATO (2008) as TTP devem ser sempre as mais actualizadas possíveis para serem apropriadas e eficientes. Este facto enfatiza o risco que existe em aprontar uma força para lutar em ambiente IED baseado nas últimas TTP. A formação no TO revela-se importante para colocar a força familiarizada com as últimas TTP da ISAF para fazer às últimas TTP dos insurgentes. É necessária uma actualização constante dos conhecimentos.

3.3. TTP utilizadas pela Companhia Portuguesa no Teatro de Operações do Afeganistão em ambiente IED⁸

Categorias
3.3.1. NEP
3.3.2. Ajuste contínuo dos procedimentos

Tabela 3: Categorias e Subcategorias da área temática TTP utilizadas pela Companhia Portuguesa no Teatro de Operações do Afeganistão em ambiente IED

Nesta área temática pretendeu-se conhecer qual a formação contínua em C-IED da Companhia Portuguesa no TO Afeganistão. A análise de conteúdo permitiu extrair duas categorias:

3.3.1. NEP

3.3.2. Ajuste contínuo dos procedimentos

3.3.1. NEP

E1: “(...) as TTP da companhia estão em NEP.”

⁸ Ver Apêndice D

E2: “ E essa NEP, tem lá as TTP que nós utilizamos, desde a aproximação a determinadas zonas, desde o apeiar antes de passar os viadutos, desde o que é que se faz quando se apeia, o 5/25, se o condutor apeia ou se não apeia”

3.3.2. Ajuste contínuo dos procedimentos

E1: “Por isso relativamente à questão do momento, é assim, tem que ser antes de irmos para o teatro e tem que ser no teatro. E sempre que houver alterações tem que haver ajustamento dos procedimentos.”

E2: “A actualização das TTP dos insurgentes, como a reacção da nossa parte é alterada frequentemente, é o jogo do gato e do rato.”

Na presente área temática verifica-se que as TTP da força estão assentes em NEP e durante o deslocamento no Afeganistão sofreram ajustes. Segundo CALL (2005) as NT devem continuamente observar as contra medidas que o insurgente utiliza em resposta às TTP. Como resultado deste ciclo de acção - reacção, as TTP podem rapidamente tornar-se ineficientes. Há por consequência por parte da força, um contínuo aperfeiçoamento das TTP.

3.4. Relação estabelecida entre a Companhia Portuguesa no Teatro de Operações do Afeganistão com a população e autoridades locais⁹

Categorias	Subcategorias
3.4.1. População	3.4.1.1. Afastamento por intimidação talibã
	3.4.1.2. Indiferença
	3.4.1.3. Hostilidade
3.4.2. Autoridades locais	3.4.2.1. Desconfiança
	3.4.2.2. Bom relacionamento
3.4.3. Respeito pelos hábitos religiosos	

Tabela 4: Categorias e subcategorias da área temática relação estabelecida entre a Companhia Portuguesa no Teatro de Operações do Afeganistão com a população e autoridades locais

⁹ Ver Apêndice E

Nesta área temática pretendeu-se conhecer qual a Relação estabelecida entre a Companhia Portuguesa no Teatro de Operações do Afeganistão com a população e autoridades locais. A análise de conteúdo permitiu extrair três categorias:

3.4.1. População

3.4.2. Autoridades locais

3.4.3. Respeito pelos hábitos religiosos

3.4.1. População

Esta categoria divide-se em três subcategorias:

3.4.1.1. Afastamento por intimidação talibã

E1: *“(…) são criminosos os talibãs, actuam pela intimidação, é assim, se não estás do meu lado, estás contra mim.”*

E2: *“Se formos para o sul as coisas são completamente diferentes, há aldeias, e quando eu me aproximava da aldeia, a aldeia toda ia para o lado oposto. Eu ia com as viaturas e eles iam todos para o lado oposto. Eles não queriam contacto comigo. Se nós nos quisermos aproximar não deixavam, são tipicamente manipulados pelos insurgentes e são tipicamente contra a presença das forças lá.”*

3.4.1.2. Indiferença

E1: *“A população afasta-se porque está intimidada, mas é porque está ali um líder talibã na área que se alguém for visto a contactar comigo vai ter problemas.*

E2: *“(…)e de um certo modo indiferente.”*

3.4.1.3. Hostilidade

E2: *“Sente-se diariamente a presença de um ambiente hostil, variando a intensidade mediante a região do Afeganistão. No sul existe um ambiente mais hostil, face à maior actividade insurgente, assim como parte da população apoia os insurgentes, da mesma etnia phastun.”*

3.4.2. Autoridades locais

Esta categoria divide-se em duas subcategorias:

3.4.2.1. Desconfiança

E1: *“Agora, com os administradores havia relações e não eram relações de confiança, não há relações de confiança com aquela gente, pois a história toda nos diz que eles são corruptos por natureza e poderiam estar a querer estar a usar como força a proveito dele. Eu fui alertado pela companhia que eu rendi que, o administrador extorquiu dinheiro aos produtores de ópio.”*

3.4.2.2. Bom relacionamento

E2: *“(…) nós temos uma boa relação com as autoridades, polícias, militares que trabalham connosco.”*

3.4.3. Respeito pelos hábitos religiosos

E1: *“Eu não posso entrar numa mesquita só porque me dá vontade de visitar a mesquita. Mas se eu entrasse lá, para já tinha que ter atenção aos cuidados que eles têm que é lavar os pés antes de entrar, descalçar, essas coisas todas. Depois se eu não encontrasse nada, se por acaso entrasse lá e não encontrasse nada, eu não sendo muçulmano, estava a conspurcar terreno sagrado. Então toda aquela população ia saber que eu tinha tido essa acção e mesmo à pedrada ia ter problemas, a população deixava pelo menos de me tratar com indiferença e passava a ser um alvo.”*

A área temática permite constatar que os comandantes consideram que a população se afasta por intimidação talibã. Os insurgentes que são parte da população, algumas vezes da mesma etnia, conseguem controlar de alguma forma a população. A população não sendo marcadamente hostil é sem dúvida indiferente, evita o contacto com as forças, com medo de sofrer represálias por parte dos insurgentes.

Existe também uma desconfiança sobre alguns administradores que podem tentar aproveitar-se da protecção que a força lhe poderá dar, para desenvolver actividades ilícitas.

São também importantes os relatos que demonstram respeito pelos hábitos religiosos, de forma a não provocar a população. Segundo NSA (2010) a insurgência é um movimento organizado com o objectivo de derrubar o governo constituído através do uso de subversão e conflito armado. A subversão consiste uma acção designado para enfraquecer o poder militar, político e económico de uma nação, desencorajando a moral, a lealdade e a confiança dos seus cidadãos.

3.5. Dificuldades para fazer face aos IED's no Teatro de Operações do Afeganistão ¹⁰

Categorias	Subcategorias
3.5.1. Meios	3.5.1.1. Existentes no TO e inexistentes no aprontamento
	3.5.1.2. Inexistência Equipa EOD
	3.5.1.3. Inexistência Equipa IEDD
	3.5.1.4. Inexistência Mini-UAV's
	3.5.1.5. Transporte aéreo
	3.5.1.6. Viaturas inadequadas para resposta IED
	3.5.1.7. Prejudiciais à saúde
	3.5.1.8. EJAB inadequado
3.5.2. Factores psicológicos	3.5.2.1. Stress
	3.5.2.2. Emoções
3.5.3. Escassa Formação	3.5.3.1. Teórica acerca de IED's
	3.5.3.2 Teórica acerca de TTP
	3.5.3.3. Prática no aprontamento
	3.5.3.4. Experiência dos elementos da EPE
3.5.4. Informação insuficiente	3.5.4.1. Desfasamento
	3.5.4.2. Filtros
	3.5.4.3. Sobre o TO
3.5.5. TTP insurgentes em constante mutação	

Tabela 5: Categorias e Subcategorias da área temática dificuldades para fazer face aos IED's no Teatro de Operações do Afeganistão

¹⁰ Ver Apêndice F

Nesta área temática foi objectivo conhecer quais as dificuldades encontradas para fazer face aos IED's no Teatro de Operações do Afeganistão. A análise de conteúdo mostrou que os discursos dos militares entrevistados assentaram em cinco categorias:

- 3.5.1. Meios
- 3.5.2. Factores psicológicos
- 3.5.3. Escassa Formação
- 3.5.4. Informação insuficiente
- 3.5.5. TTP insurgentes em constante mutação

3.5.1. Meios

Esta categoria divide-se em oito subcategorias:

3.5.1.1. Existentes no TO e inexistentes no aprontamento

E1: *“(...) há falta de meios iguais àqueles que vão operar no teatro (...)”*

E2: *“É assim em todas as forças, ou seja, o exército não tem tido capacidade para colocar os meios que estão nos teatros à disposição da força de treino.”*

3.5.1.2. Inexistência Equipa EOD

E1: *“(...) é a falta da equipa EOD na força, considero que esta equipa devia ser portuguesa, e fazer parte integrante da força (...)”*

E2: *“(...) e também a equipa EOD, ou seja, devia acompanhar a força e cria-se ali um clima de insegurança constante. E mais, eu sei que são formações bastante caras, as de C-IED e formações das equipas de EOD, mas para teatros como estes, é muito importante ter equipas dessas juntamente com as forças.”*

3.5.1.3. Inexistência Equipa IEDD

E1: *“(...) era conveniente ter uma equipa IEDD na força (...)”*

3.5.1.4. Inexistência Mini-UAV's

E1: *“(...) era conveniente e necessário ter mini-UAV's na força (...)”*

3.5.1.5. Transporte aéreo

E1: *“(...) o ideal era a força ter capacidade de ser uma força de reserva, ter transporte aéreo que eliminava num instante aqui esta questão dos IED's”*

3.5.1.6. Viaturas inadequadas para resposta IED

E1: *“De acordo com a forma de actuação dos insurgentes, talvez a viatura não fosse a mais adequada. Não tem a ver com a protecção, tem a ver com a protecção aos efeitos, é assim, as viaturas eram blindadas, protegiam de fogo directo, não havia qualquer problema. Agora a questão dos ataques com IED’s, na minha opinião não eram os mais indicados porque não tinha nenhum sistema que atenuasse ou reduzisse os efeitos dos IED’s. A viatura tinha protecção, agora não tinha protecção específica para IED’s,”*

E2: *“Sabemos que os HMMWV não são actualmente as melhores viaturas para aquele TO, nomeadamente para fazer face a ataques com IED’s, assim como a blindagem para fazer face a RPG’s, no entanto protege do fogo de armas ligeiras.”*

3.5.1.7. Prejudiciais à saúde

E1: *(...) o pessoal que chegava ao comando vindos das patrulhas estavam amarelos, com dores de cabeça e vómitos. Os EJAB’s são eficazes, não são eficientes porque provocam danos que ninguém consegue explicar quais. Agora os gajos chegavam amarelos, com vontade de vomitar, com dores de cabeça. Agora é assim, como comandante, uma pessoa tem que optar pela segurança ou saúde. Qual delas é mais importante?”*

E2: *“Existe um estudo que eu li, francês, que diz que o EJAB, o nosso principalmente, é muito potente, provoca esterilidade e faz mal à saúde, e está junto ao apontador mesmo. O telemóvel que é uma coisa mínima, já andam a dizer que faz mal à saúde, então aquilo são dez mil telemóveis ali ao lado.”*

3.5.1.8. EJAB inadequado

E1: *“Os americanos têm um que é uma viatura reactiva, é uma boa ferramenta, mas não é a adequada. O EJAB é eficaz mas não é eficiente.”*

E2: *“(...) as limitações são muito grandes. Isso tem muito a ver com a parte técnica das comunicações do EJAB. Eu muitas vezes para comunicar tive que desligar o EJAB.*

3.5.2. Factores psicológicos

Esta categoria divide-se em duas subcategorias:

3.5.2.1. Stress

E1: *“(...) sempre que surgia um indício, o nível de ansiedade subia, o stress subia, não há dúvidas dessa situação. Eu notava stress e, sentia stress, quando passava por um*

viaduto, quando tinha que atravessar uma linha de água, que não tinha água, quando via um carro a avançar quando eu estava a passar. Aumentava a preocupação, quando via o indivíduo com o telemóvel. Porque eu associava aquilo sempre à possibilidade de vir qualquer coisa a seguir, uma pessoa no Afeganistão anda sempre com esta preocupação na cabeça, não há hipótese.”

3.5.2.2. Emoções

E1: “ (...) o factor emocional poderia prejudicar à forma de actuação, que é deixar de pensar de forma racional e passar a ser emocional. Às vezes vamos rápido, tentamos ajudar, mas não é feito da melhor forma.”

3.5.3. Escassa Formação

Esta categoria divide-se em quatro subcategorias:

3.5.3.1. Teórica acerca de IED's

E1: “ (...) devia haver formação de IED's.”

E2: “No aprontamento deve ser dada maior atenção e aprofundar esta área, nomeadamente com a criação de cursos e estágios de formação”

3.5.3.2 Teórica acerca de TTP's

E2: “(...) é a formação de pessoas em TTP's basicamente”.

3.5.3.3. Prática no aprontamento

E1: “Devia ser implementado, um local de treino, mesmo que fosse só tipo plastron, onde há um determinado itinerário com meios reais e de simulação. Reais para se ouvir o barulho e de simulação por causa dos efeitos, para que o pessoal pudesse exercitar pelo menos as últimas formas de actuar dos insurgentes e treinar a utilização de outros meios. O pessoal devia ver a equipa EOD a trabalhar que é para ter noção que só devem mexer depois deles dizerem que a área está limpa. São questões bastante complicadas, que nós temos alguma dificuldade em treinar isso cá.”

E2: “No aprontamento deve ser dada formação de natureza prática.”

3.5.3.4. Experiência dos elementos da EPE

E1: “(...) de modos que denotavam a falta de conhecimentos e experiência. A preocupação era a desactivação, eles estão preparados, estão treinados para isso. A outra parte na minha óptica é um problema doutrinário do nosso exército, que o C-IED é da

responsabilidade de manobra, não é de unidades de engenharia. A engenharia não é uma unidade de manobra, é uma unidade de apoio de combate, ou são unidades de apoio de combate”.

3.5.4. Informação insuficiente

Esta categoria divide-se em três subcategorias:

3.5.4.1. Desfasamento

E1: “(...) nós estamos a trabalhar com atraso. Porquê? Porque quem nos passa informação é a força que chegou, porque a força que está no terreno dificilmente consegue dar-nos a informação e em tempo real, porque está embrenhada nas suas tarefas diárias. Então, temos um desfasamento de seis meses de informação do que se está a passar no teatro.”

3.5.4.2. Filtros

E1: “No teatro tem que se voltar a repetir, porque quem está no teatro é que sabe o que se está a passar. Porque depois há aqui também muitos filtros na informação, quando chega ao comandante de companhia, já passou por vários crivos. Aquilo sai do teatro, SHAPE, Bruxelas, entra pelo EMGFA, pode ir directamente ao CFT ou entra pelo EME. Quando chega, já só chega aqui a informação que eles querem que chegue.”

3.5.4.3. Sobre o TO

E1: “Falta de informação sobre o teatro, há falta de meios iguais àqueles que vão operar no teatro e o treinar tarefas que poderão não ser neste momento as mais adequadas ao teatro por falta de informação.”

3.5.5. TTP insurgentes em constante mutação

E1: “Eles atacavam, depois começaram a ver que tudo acolhia ao local onde estava a vítima, ou seja, criavam um alvo remunerado. Num segundo, se tivessem morto cinco, já matavam dez. Depois chegavam à conclusão que normalmente vinha mais um pelotão para reforçar, então identificavam qual era o local mais provável de aproximação desses elementos. Outra também é qual era o local mais adequado para utilização de meios de evacuação aérea, e também colocavam IED’s nas Zonas de Aterragem”

E2: “Portanto, eles sabem perfeitamente, estudam, as nossas TTP e os meios de actuação e eles aí inovam. Portanto, é a história do rato e do rato, da parte dos IED’s e a nossa reacção e contra-reacção, é assim que funciona.”

Nesta área temática verifica-se que as principais dificuldades têm que ver com os meios e a escassa formação.

Verifica-se que os meios existentes no TO, não existem em Portugal para as forças treinarem no Apontamento. Isto cria dificuldades, já que a força vai ter que se adaptar aos meios, no próprio TO. Os entrevistados fazem ainda referência a uma equipa EOD que deveria integrar a força, o E1 faz ainda referência a uma equipa IEDD. Isto deve-se ao facto de os IED's estarem sempre presente no pensamento dos militares e, a força tendo estas duas equipas, certamente se iria sentir mais preparada para lidar com a ameaça. O E1 menciona a falta de transporte aéreo, devido ao facto da companhia estar integrada numa força de reserva, sendo mais fácil e mais movimentar-se em caso de necessidade. Os mini UAV's seriam importantes para localizar IED's.

Quanto às viaturas verifica-se que não têm protecção específica para IED's, seria importante para um TO daquele tipo as viaturas terem alguma protecção contra os IED's.

Verifica-se que os entrevistados não consideram o EJAB adequado já que é activo e além de dificultar as comunicações, é prejudicial à saúde. O EJAB deveria ser reactivo e assim colmatar essa dificuldade.

Um factor importante dado a conhecer pelo E1 são os factores psicológicos. O TO induz um stress nos militares constante, por causa do risco de ataque com IED.

Os entrevistados referem como dificuldade a escassa formação. Referem que deveriam ser criados mais cursos e estágios de formação teóricos e práticos. A formação dada pelos elementos da EPE foi considerada inadequada, já que a preocupação da Engenharia é a desactivação. As unidades de manobra precisam de formação em TTP e não em saber como são desactivados, isso é responsabilidade das equipas EOD. Segundo NATO (2008) Todas as forças de manobra devem estar familiarizadas com as correctas TTP para detectar os IED's, assim como, com os especialistas que existem para lhes dar apoio (equipas EOD) e com a forma de os empregar. As TTP devem ser sempre as mais actualizadas possíveis para serem apropriadas e eficientes.

Outro aspecto é a informação insuficiente, o E1 considera que não existe informação suficiente sobre o TO, existe um desfasamento porque quem passa a informação é a força que chega do TO. Quando treinam as TTP no Aprontamento, estão a treinar umas TTP que quando chegarem ao teatro já estão desactualizadas. Existe uma falta de informação sobre o TO devido aos filtros e ao desfasamento.

Por último, as TTP dos insurgentes em constante mutação leva a que os comandantes das forças tenham um treino em TTP de forma a chegarem ao teatro e conseguirem fazer a adaptação rápida à realidade vivida naquele momento. Durante o curso de uma operação é esperado que a ameaça IED evolua e mude, assim os comandantes

terão que se desenvolver TTP apropriadas para fazer face a essa nova ameaça. (NATO, 2008)

CONCLUSÕES

O presente trabalho foi uma mais valia na aplicação de conhecimentos de variadas disciplinas e na consolidação dos mesmos, nesta que se constitui uma nova experiência como Aspirante. No decurso da sua realização senti a necessidade de mobilizar os conhecimentos adquiridos anteriormente ao longo dos anos lectivos, mas mais especificamente nas disciplinas de Investigação e Tática.

Na sua elaboração tive algumas dificuldades e também aspectos positivos a apontar. Como maior dificuldade realço a organização do quadro referencial, pois foi um pouco complicado a selecção de bibliografia pertinente em cada tema estruturado, já que existe muita da informação é classificada. Refiro também a minha inexperiência na realização do tratamento de dados, o que dificultou este percurso.

Como aspectos positivos, enalteço a possibilidade da compreensão da complexidade que reveste a elaboração de um Projecto e Trabalho de Investigação Aplicada. Considero a sua realização de acentuada importância para a minha formação pessoal.

Outro aspecto positivo que destaco diz respeito ao desenvolvimento deste trabalho, como forma de propiciar a reflexão acerca de um tema inquietante como “Técnicas, Tácticas e Procedimentos em resposta aos Engenhos Explosivos Improvisados”.

Este trabalho constitui um meio para motivar a investigação nesta área, pois os problemas que se levantam aquando da actuação das forças neste ambiente são diferentes. A temática dos Engenhos Explosivos Improvisados só foi abordada no TPOI durante um tempo escolar e muito ao de leve. Isto quer dizer que ao nível da formação ainda estamos pouco sensibilizados para estes tipos de ataques. Também este é um tema que tem sido pouco estudado e a sua aplicação à prática é imperiosa, um tema que nos suscita curiosidade e incita à procura de mais informação.

Este trabalho de investigação é fruto de algumas inquietações, tanto para mim como para os militares entrevistados, que ao longo dos seus relatos mostraram muita

disponibilidade em expor as suas experiências, reflectindo sobre as práticas e os seus anseios.

Assim destaco as principais conclusões do trabalho:

Q1: Qual a formação teórico-prática no aprontamento sobre IED da Companhia das Forças Nacionais Destacadas que participou no TO Afeganistão, no período de Agosto de 2007 a Agosto de 2008?

Nesta área temática constata-se que a formação tanto teórica como prática especificamente em C-IED foi breve nos dois casos. Esta questão é deveras importante pois o treino e educação é preconizado e enfatizado pela NATO (2008) como preparação para fazer face a IED's insurgentes. Parece ter havido uma maior preocupação aquando da missão do E1 talvez por ser a mais recente, ou seja, a última missão a ser efectuada.

A frequência de um Tenente num curso da NATO School segundo o E1, veio enriquecer a formação dos militares e as suas formas de actuar. Isto porque quem participa nas missões e corre o risco de ser atingido por um IED, em primeiro lugar é o pessoal que anda no terreno a fazer patrulhamento.

Q2: Qual a formação contínua em C-IED da Companhia, das Forças Nacionais Destacadas, que participou no TO Afeganistão, no período de Agosto de 2007 a Agosto de 2008?

Verifica-se nesta área temática que a percepção da formação no TO é bastante boa e completa. Segundo os relatos, os militares sentiram-se melhor preparados depois de receberem esta formação teórica mas também prática. Segundo NATO (2008) as TTP devem ser sempre as mais actualizadas possíveis para serem apropriadas e eficientes. Este facto enfatiza o risco que existe em aprontar uma força para lutar em ambiente IED baseado nas últimas TTP. A formação no TO revela-se importante para colocar a força familiarizada com as últimas TTP da ISAF para fazer às últimas TTP dos insurgentes. É necessária uma actualização constante dos conhecimentos.

Q3: Quais as TTP utilizadas pela Companhia das Forças Nacionais Destacadas que participou no TO Afeganistão, no período de Agosto de 2007 a Agosto de 2008?

Na presente área temática verifica-se que as TTP da força estão assentes em NEP e durante o deslocamento no Afeganistão sofreram ajustes. Segundo CALL (2005) as NT devem continuamente observar as contra medidas que o insurgente utiliza em resposta às TTP. Como resultado deste ciclo de acção - reacção, as TTP podem rapidamente tornar-se

ineficientes. Há por consequência por parte da força, um contínuo aperfeiçoamento das TTP.

Q4: Qual a relação estabelecida entre a Companhia das Forças Nacionais Destacadas que participou no TO Afeganistão, no período de Agosto de 2007 a Agosto de 2008, com a população e autoridades locais?

A área temática permite constatar que os comandantes consideram que a população se afasta por intimidação talibã. Os insurgentes que são parte da população, algumas vezes da mesma etnia, conseguem controlar de alguma forma a população. A população não sendo marcadamente hostil é sem dúvida indiferente, evita o contacto com as forças, com medo de sofrer represálias por parte dos insurgentes.

Existe também uma desconfiança sobre alguns administradores que podem tentar aproveitar-se da protecção que a força lhe poderá dar, para desenvolver actividades ilícitas.

São também importantes os relatos que demonstram respeito pelos hábitos religiosos, de forma a não provocar a população. Segundo NSA (2010) a insurgência é um movimento organizado com o objectivo de derrubar o governo constituído através do uso de subversão e conflito armado. A subversão consiste uma acção designado para enfraquecer o poder militar, político e económico de uma nação, desencorajando a moral, a lealdade e a confiança dos seus cidadãos.

Q5: Quais as dificuldades mencionadas para fazer face aos IED's no TO Afeganistão, no período de Agosto de 2007 a Agosto de 2008?

Nesta área temática verifica-se que as principais dificuldades têm que ver com os meios e a escassa formação.

Verifica-se que os meios existentes no TO, não existem em Portugal para as forças treinarem no Apontamento. Isto cria dificuldades, já que a força vai ter que se adaptar aos meios, no próprio TO. Os entrevistados fazem ainda referência a uma equipa EOD que deveria integrar a força, o E1 faz ainda referência a uma equipa IEDD. Isto deve-se ao facto de os IED's estarem sempre presente no pensamento dos militares e, a força tendo estas duas equipas, certamente se iria sentir mais preparada para lidar com a ameaça. O E1 menciona a falta de transporte aéreo, devido ao facto da companhia estar integrada numa força de reserva, sendo mais fácil e mais movimentar-se em caso de necessidade. Os mini UAV's seriam importantes para localizar IED's.

Quanto às viaturas verifica-se que não têm protecção específica para IED's, seria importante para um TO daquele tipo as viaturas terem alguma protecção contra os IED's.

Verifica-se que os entrevistados não consideram o EJAB adequado já que é activo e além de dificultar as comunicações, é prejudicial à saúde. O EJAB deveria ser reactivo e assim colmatar essa dificuldade.

Um factor importante dado a conhecer pelo E1 são os factores psicológicos. O TO induz um stress nos militares constante, por causa do risco de ataque com IED.

Os entrevistados referem como dificuldade a escassa formação. Referem que deveriam ser criados mais cursos e estágios de formação teóricos e práticos. A formação dada pelos elementos da EPE foi considerada inadequada, já que a preocupação da Engenharia é a desactivação. As unidades de manobra precisam de formação em TTP e não em saber como são desactivados, isso é responsabilidade das equipas EOD. Segundo NATO (2008) Todas as forças de manobra devem estar familiarizadas com as correctas TTP para detectar os IED's, assim como, com os especialistas que existem para lhes dar apoio (equipas EOD) e com a forma de os empregar. As TTP devem ser sempre as mais actualizadas possíveis para serem apropriadas e eficientes.

Outro aspecto é a informação insuficiente, o E1 considera que não existe informação suficiente sobre o TO, existe um desfasamento porque quem passa a informação é a força que chega do TO. Quando treinam as TTP no Aprontamento, estão a treinar umas TTP que quando chegarem ao teatro já estão desactualizadas. Existe uma falta de informação sobre o TO devido aos filtros e ao desfasamento.

Por último, as TTP dos insurgentes em constante mutação leva a que os comandantes das forças tenham um treino em TTP de forma a chegarem ao teatro e conseguirem fazer a adaptação rápida à realidade vivida naquele momento. Durante o curso de uma operação é esperado que a ameaça IED evolua e mude, assim os comandantes terão que se desenvolver TTP apropriadas para fazer face a essa nova ameaça. (NATO, 2008)

Propostas e Recomendações

Como propostas e recomendações destaco as seguintes:

- O apoio de EOD/IEDD a forças de manobra. Seria conveniente projectar equipas EOD/IEDD portuguesas que garantam o necessário apoio de combate, apoio à mobilidade e protecção da força.
- Pelos comandantes de pelotão a frequência de cursos do tipo Operações Tácticas NATO em ambiente IED, na Escola de Engenharia Turca, Izmir Turquia. Onde se

realiza exercícios práticos de reacção a emboscadas como parte de uma patrulha de infantaria.

- Durante o aprontamento o treino deverá passar do actual treino de indícios para um treino mais exigente. Deverá ser criado um circuito prático onde os objectivos deverão ser as TTP a adoptar perante as ameaças IED do teatro. Tais como, procedimentos de condução, aproximação a pontos críticos, identificação de indicadores IED e reagir a um ataque com IED.
- Incluir nos Cursos da Academia Militar uma componente programática sobre IED, Conflitos Assimétricos e Contra-Insurgência. Em Sistemas de Armas de Infantaria (em colaboração com o gabinete de Engenharia Militar) a componente mais técnica do IED. Em Tática de Infantaria uma sensibilização para os conflitos assimétricos e a Contra-Insurgência já que no Iraque e no Afeganistão a Insurgência é uma realidade e a arma que mais baixas causa é o IED.

Como proposta para futuros trabalhos, seria interessante estudar quais as diferenças entre as TTP usadas em ambiente convencional e as TTP usadas em ambiente IED.

BIBLIOGRAFIA

- BARDIN, L. 1997.** *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1997.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. 1994.** *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRR. 2006.** *Handbook Afeganistão*. Tancos : BRR, 2006.
- CALL. 2005.** *Handbook 05-23: Counter IED TTP Handbook*. Kansas : Center for Army Lessons Learned, 2005.
- CIA. 2010.** *World Factbook*. [Online] Washington : CIA, 2010.
- EME. 2005.** *Regulamento de Campanha Operações*. Lisboa : Estado Maior do Exército, 2005.
- EPE. 2010.** Curso de C-IED. (Diapositivos)
- FORTIN, Marie F. 1999.** *O Processo de investigação: da concepção à realidade*. Loures: Lusociência, 1999.
- IAEM. 1996.** *Operações de Apoio à Paz, ME 20-76-04*. Lisboa : Instituto de Altos Estudos Militares, 1996.
- IESM. 2004.** *Manual de Metodologia da Investigação Científica*. Lisboa: Instituto de Estudos Superiores Militares., 2004.
- ISAF. 2010.** *History*. [Online] Brussels : ISAF Information & Resources, 2010.
- MNC-I. 2008.** *Counter IED Smartbook*. Iraq : MNC-I, 2008.
- MAROCO, João; BISPO, Regina. 2003.** “Estatística aplicada às ciências sociais e humanas”. Lisboa: Climepsi, 2003
- MOREIRA, Carlos Diogo. 1994.** *Planeamento e estratégias da investigação social*. Lisboa: ISCSP, 1994.
- NATO. 2008.** *AJP 3.15 COUNTERING IMPROVISED EXPLOSIVE DEVICE*. Bruxelas : NATO, 2008.
- NSA. 2010.** *AAP-6 NATO Glossary Terms and Definitions*. Brussels : NATO, 2010.

GLOSSÁRIO

Ataque Complexo

Um ataque complexo envolve mais que um IED, ou um IED em conjugação com o fogo de armas ligeiras, ou fogo indirecto. Cenários de ataques complexos envolvem um planeamento significativo por parte das forças insurgentes, e são conduzidos de forma a colocar as nossas forças dentro da zona de morte de diferentes sistemas de armas. Ataques complexos podem envolver o uso de IED secundários ou terciários colocados para atingir os primeiros a responder ao ataque com IED.

(NATO, 2008)

Contra - IED (C-IED)

São os esforços colectivos a todos os níveis para derrotar o sistema para reduzir ou eliminar os efeitos de todas as formas de IED's usados contra as forças amigas ou não combatentes de acordo com a missão.

(NATO, 2008)

Contra medidas Electrónicas ECM

A divisão da guerra electrónica envolve acções para prevenir ou reduzir o uso do espectro electromagnético pelo inimigo, através do uso de energia electromagnética. Há três divisões das contra medidas electrónicas: empastelamento electrónico, decepção electrónica e neutralização electrónica.

(NSA, 2010)

Daisy chain

IED com um único mecanismo de disparar que consegue iniciar múltiplas cargas principais.

(NATO, 2008)

Engenho Explosivo Improvisado (IED)

Um engenho explosivo improvisado (IED) é definido como um engenho colocado ou fabricado de uma forma improvisada que contem químicos destrutivos, letais, nocivos, pirotécnicos ou incendiários, concebidos para destruir, incapacitar, embaraçar, ou distrair. Pode incorporar material militar, mas normalmente deriva de componentes não militares.

(NATO, 2008)

Insurgência

Insurgência é um movimento organizado com o objectivo de derrubar o governo constituído através do uso de subversão e conflito armado.

(NSA, 2010)

Protecção

“É a preservação do potencial de combate de uma Força para que o comandante o possa aplicar no momento e local decisivos.”

(EME, 2005, pp.B-10)

Protecção da Força

“Todas as medidas e meios para minimizar a vulnerabilidade do pessoal, instalações, equipamento e operações a qualquer tipo de ameaça e em todas as situações, para preservar liberdade de acção e a efectividade operacional da força.”

(EME, 2005, pp.7-2)

Regras de empenhamento (ROE)

“As regras de empenhamento são directivas que fornecem aos vários níveis de decisão, as circunstancias e limitações do uso da força, dentro dos parâmetros legais, as quais reflectem orientações e direcção políticas”

(IAEM, 1996 pp. F-1-3)

Subversão

Subversão é uma acção designado para enfraquecer o poder militar, político e económico de uma nação, desencorajando a moral, a lealdade e a confiança dos seus cidadãos.

(NSA, 2010)

Teatro de Guerra

“O teatro de guerra é o espaço aéreo, terrestre ou marítimo que está ou pode vir a estar directamente envolvido na conduta da guerra.”

(EME, 2005, pp.B-10)

Teatro de Operações

“O teatro de operações é a parte do teatro de guerra necessária à condução ou apoio das operações de combate.”

(EME, 2005, pp.B-10)

APÊNDICES

APÊNDICE A: Guião da Entrevista

Tema: Técnicas, Tácticas e Procedimentos em resposta aos Engenhos Explosivos Improvisados

A presente entrevista enquadra-se no Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) subordinado ao tema “Técnicas, Tácticas e Procedimentos em resposta aos Engenhos Explosivos Improvisados” inserido no curso para Oficial de Infantaria da Academia Militar. Tem como objectivo conhecer a percepção do Comandante da Companhia Portuguesa no TO Afeganistão acerca das TTP utilizadas em ambiente em resposta aos IED. Garante-se desde já a confidencialidade de toda a informação recolhida, se fosse possível pede-se uma gravação da conversa pois facilitará a organização dos dados.

Questão:

1. Pode dizer o seu nome completo, o período de missão e as funções que desempenhou quando esteve no Teatro de Operações do Afeganistão?

Objectivo: Compreender a organização da estrutura, a missão e as tarefas da Companhia Portuguesa no Teatro de Operações do Afeganistão

Questão:

2. Como estava organizada a estrutura da companhia, qual a missão e tarefas cometidas à Companhia Portuguesa no TO Afeganistão?

Objectivo: Compreender a formação teórico-prática no aprontamento e a formação contínua em IED e C-IED da Companhia Portuguesa no Teatro de Operações do Afeganistão

Questões:

3. Que tipo de formação em IED e C-IED recebeu a Companhia Portuguesa durante o aprontamento?

4. Que tipo de formação em IED e C-IED apresentou a Companhia Portuguesa no próprio TO do Afeganistão?

5. Qual/quais o(s) momento(s) que considera mais propício(s) para a formação em IED e C-IED?

6. Que tipo de partilha de conhecimento/formação adquiridos existem entre as forças que são rendidas e entre as que vão render?

7. Como se processa a partilha de conhecimentos da Companhia Portuguesa após a missão?

Objectivo: Compreender as TTP utilizadas pela Companhia Portuguesa no Teatro de Operações do Afeganistão em ambiente IED

Questões:

8. Quais as TTP utilizadas pela Companhia Portuguesa em ambiente IED?

9. Considera que as TTP utilizadas pela Companhia Portuguesa foram suficientes para lidar com a ameaça IED?

Objectivo: Compreender as TTP utilizadas pelos insurgentes no Teatro de Operações do Afeganistão

Questão:

10. Quais as principais TTP utilizadas pelos insurgentes?

Objectivos: Compreender os meios, a protecção e sua adequabilidade da Companhia Portuguesa no Teatro de Operações do Afeganistão

Questões:

11. Quais os meios colocados ao dispor da Companhia Portuguesa para fazer face à ameaça dos IED?

12. As viaturas são adequadas para este tipo de TO?

13. Quando havia necessidade de uma força EOD, como se processava o seu pedido?

14. Qual a função da Companhia Portuguesa enquanto a força EOD desempenhava a sua missão?

Objectivo: Compreender a relação estabelecida entre a Companhia Portuguesa no Teatro de Operações do Afeganistão com a população e autoridades locais

Questão:

15. Pode caracterizar-me que tipo de relações foram estabelecidas, entre a Companhia Portuguesa no TO Afeganistão, população e autoridades locais?

Objectivo: Compreender as dificuldades da Companhia Portuguesa no Teatro de Operações do Afeganistão em ambiente IED

Questão:

16. Quais as principais dificuldades encontradas pela Companhia Portuguesa para fazer face aos IED?

17. Quer acrescentar mais algum assunto que considera importante?

Muito obrigado pela sua disponibilidade.

APÊNDICE B: Tabela síntese I

Tabela Síntese I – Formação teórico-prática no aprontamento sobre IED

Entrevistados	Frequência de um Tenente num curso na NATO school	Formação com equipa da EPE	Formação de um dia na EPE
1	X	X	X
2		X	

APÊNDICE C: Tabela síntese II

Tabela Síntese II – Formação contínua em C-IED da Companhia Portuguesa no Teatro de Operações do Afeganistão

Entrevistados	Formação da ISAF		Formação antes do deslocamento para comando regional sul	Formação da ISAF após 2 meses no TO	
	Teórica	Prática		Teórica	Prática
1	X	X	X		
2	X	X		X	X

APÊNDICE D: Tabela síntese III

Tabela Síntese III – TTP utilizadas pela Companhia Portuguesa no Teatro de Operações do Afeganistão em ambiente IED

Entrevistados	NEP	Ajuste Contínuo dos Procedimentos
1	X	X
2	X	X

APÊNDICE E: Tabela síntese IV

Tabela Síntese IV – Relação estabelecida entre a Companhia Portuguesa no Teatro de Operações do Afeganistão com a população e autoridades locais

Entrevistados	População			Autoridades locais		Respeito pelos hábitos religiosos
	Afastamento por intimidação talibã	Indiferença	Hostilidade	Desconfiança	Bom relacionamento	
1	X	X		X		X
2	X	X	X		X	

APÊNDICE F: Tabela síntese V

Entrevistados	Meios								Factores Psicológicos		Escassa formação				Informação insuficiente			TTP Insurgentes em constante mutação
	Existentes no TO e inexistentes no Aprontamento	Inexistência de Equipa EOD	Inexistência de Equipa IEDD	Inexistência Mini-UAV's	Transporte aéreo	Viaturas Inadequadas para resposta IED	EJAB Prejudicial à saúde	EJAB inadequado	Stress	Emoções	Teórica acerca de IED's	Teórica acerca de TTP	Prática no aprontamento	Experiência dos elementos da EPE	Desfasamento	Filtros	Sobre o TO	
1	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X
2	X	X				X	X	X			X	X	X					X

Tabela Síntese V – Dificuldades para fazer face aos IED no Teatro de Operações do Afeganistão

ANEXOS

ANEXO A: Histórico das Forças Nacionais Destacadas no Teatro de Operações do Afeganistão

Agosto de 2005 a Fevereiro de 2006

1ª Companhia de Comandos / Brigada de Reacção Rápida

Fevereiro de 2006 a Agosto de 2006

2ª Companhia de Comandos / Brigada de Reacção Rápida

Agosto de 2006 a Fevereiro de 2007

Batalhão de Infantaria Pára-quedista / Brigada de Reacção Rápida

Fevereiro de 2007 a Agosto de 2007

2ª Companhia de Comandos / Brigada de Reacção Rápida

Agosto de 2007 a Fevereiro de 2008

22ª Companhia de Atiradores Pára-quedista / Brigada de Reacção Rápida

Fevereiro de 2008 a Agosto de 2008

1ª Companhia de Comandos / Brigada de Reacção Rápida

Agosto de 2008

Fim da participação do Exército Português como Força Nacional Destacada no Teatro de Operações do Afeganistão

Maio de 2008

Início da participação do Exército Português como Operational Mentor And Liaison Team (OMLT) no Teatro de Operações do Afeganistão

Maio de 2008 a Novembro de 2008

1ª OMLT de Guarnição/ Estado Maior General das Forças Armadas

Novembro de 2008 a Abril de 2009

2ª OMLT de Guarnição/ Brigada de Intervenção

Abril de 2009 a Outubro de 2009

1ª OMLT de Capital Division/ Brigada de Reacção Rápida

Abril de 2009 a Outubro de 2009

3ª OMLT de Guarnição/ Brigada de Intervenção

Outubro de 2009 a Abril de 2010

2ª OMLT de Capital Division/ Brigada de Reacção Rápida

Outubro de 2009 a Abril de 2010

4ª OMLT de Guarnição/ Brigada de Intervenção

Fonte: www.exercito.pt

ANEXO B: Spot Report

CONSEQUENCE MANAGEMENT IED SPOT REPORT

Line Number	Item	Information
1	DATE-TIME-GROUP	When the item was discovered
2	UNIT	
3	LOCATION OF IED	Describe as specifically as possible
4	CONTACT METHOD	Radio frequency, call sign, POC
5	IED STATUS	Detonation or no detonation
6	IED TYPE	Disguised static / Disguised moveable / Thrown / Placed on TGT.]
7	COLLATERAL DAMAGE OR POTENTIAL FOR COLLATERAL DAMAGE	
8	TACTICAL SITUATION	Briefly describe current tactical situation
9	REQUEST FOR	QRF / EOD / MEDEVAC
10	LOCATION OF L/U WITH REQUESTED FORCE (S):	

Fonte: (MNC-I, 2008 pp.101)

ANEXO C: IED/UXO Report (EOD 9 Line)

CONSEQUENCE MANAGEMENT IED / UXO Report (EOD 9 Line)

LINE 1. DATE-TIME GROUP: When the item was discovered.

LINE 2. REPORT ACTIVITY AND LOCATION: Unit and grid location of the IED/UXO.

LINE 3. CONTACT METHOD: Radio frequency, call sign, POC, and telephone number.

LINE 4. TYPE OF IED / ORDNANCE: Describe the IED/UXO, whether it was dropped, projected, placed, or thrown. Give the number of items, if more than one.

LINE 5. NBC CONTAMINATIONS: Be as specific as possible.

LINE 6. TARGET / RESOURCES THREATENED: Personnel (Coalition Forces, IPS, ING, civilian), equipment, facilities, or other assets that are targeted or threatened.

LINE 7. IMPACT ON MISSION: Short description of current tactical situation and how the IED/UXO affects the status of the mission.

LINE 8. PROTECTIVE MEASURES / EVACUATION: Any measures taken to protect or evacuate personnel and equipment.

LINE 9. RECOMMENDED PRIORITY: Immediate, Indirect, Minor, No Threat.

Fonte: (MNC-I, 2008 pp.108)

ANEXO D: NATO 9 – Line MEDEVAC Request

CONSEQUENCE MANAGEMENT **NATO 9 - Line MEDEVAC Request**

Line 1: Location of Pickup Site: (6-digit grid or Latitude/Longitude) _____

Line 2: Radio frequency, call sign and suffix of requesting personnel, encrypt the frequency

Line 3: Number of patients by precedence:

Urgent (Non-surgical)=evacuate within 2 hrs _____

Urgent-Surgical (All Trauma)=need immediate surgical care _____

Priority=evacuate within 4 hrs _____

Routine= evacuate within 24 hrs _____

Line 4: Special equipment required. (e.g. none, hoist, stokes, jungle penetrator)

Line 5: Number of patients by type: (L + # of Litter A + # of Ambulatory)

L _____ A _____

Line 6: Security of pick-up site: _____

N – **NO** Enemy Troops

P – **POSSIBLE** Enemy Troops

E – **CONFIRMED** Enemy Troops in Area (Use Caution)

X – **ENGAGED** with Enemy Troops (Armed Escort Recommended)

Line 7: Method of marking pick-up site:

(branches/woods/stones, panels/signal lamp/flashlight, pyrotechnic signal, vehicle lights, smoke, open flame, signal person, fabric strips)

Line 8: Patient Status and Nationality (If Known)

A= US / Coalition Military, Nationality

B= US / Coalition Force Civilian, Nationality _____

C= Non Coalition force Soldier, Nationality _____

D= Non-US / Coalition civilian, Nationality _____

E= Enemy Prisoner of War _____

F= High Value Target (Armed Escort Required) _____

Line 9: Wartime NBC contamination (nuclear, biological, chemical) _____

Fonte: (MNC-I, 2008 pp.109)